



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
ARQUEOLOGIA

ÁDYLA WILSIANDRA VALENTE DE SOUZA

**UM CONCEITO MENOS PANC: A RELAÇÃO DAS “PLANTAS DO PASSADO”
ENTRE VENDEDORAS DO MERCADÃO 2000 EM SANTARÉM, PARÁ.**

**SANTARÉM-PA
2023**

ÁDYLA WILSIANDRA VALENTE DE SOUZA

**UM CONCEITO MENOS PANC: A RELAÇÃO DAS “PLANTAS DO PASSADO”
ENTRE VENDEDORAS DO MERCADÃO 2000 EM SANTARÉM, PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Antropologia e Arqueologia para obtenção do grau de Bacharela em Arqueologia, Universidade Federal do oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade. Orientadora Dra. Myrian Sá Leitão Barboza.

**SANTARÉM-PA
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

S729c Souza, Adyla Wilsandra Valente de
Um conceito menos PANC: a relação das “plantas do passado” entre vendedoras do Mercado 2000 em Santarém, Pará./ Adyla Wilsandra Valente de Souza. - Santarém, 2023.
84 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Myrian Sá Leitão Barboza.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de de Antropologia e Arqueologia, Bacharelado em Arqueologia.

1. Mulheres. 2. Transmissão de conhecimentos geracionais. 3. Plantas do passado. 4. PANC. 5. Amazônia. I. Barboza, Myrian Sá Leitão, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 930.1098115

Bibliotecária - Documentalista: Cátia Alvarez – CRB/2 843

ÁDYLA WILSIANDRA VALENTE DE SOUZA

**UM CONCEITO MENOS “PANC””: A RELAÇÃO DAS “PLANTAS DO PASSADO”
ENTRE VENDEDORAS DO MERCADÃO 2000 EM SANTARÉM, PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Antropologia e Arqueologia para obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia, Universidade Federal do oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade. Orientadora Dra. Myrian Sá Leitão Barboza.

Conceito: 10,0

Data de Aprovação 26/ 05/ 2023

Prof. Dra Camila Pereira Jácome
Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dra Myrtle Pearl Shock
Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr.Thiago Almeida Vieira
Universidade Federal do Oeste do Pará



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

No vigésimo sexto dia do mês de maio de dois mil e vinte e três às quinze horas, no miniauditório do ICS (sala 327), realizou-se a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Curso da discente do Curso de Bacharelado Arqueologia Ádyla Wilsandra Valente de Souza, sob orientação da **Profa. Myrian Sá Leitão Barboza (Presidente)**, a Banca examinadora foi composta pelos avaliadores: **Prof.ª Dr. Thiago Almeida Vieira, Profa. Dra. Myrtle Pearl Shock, e Profa. Dra. Camila Pereira Jácome**. A presidente fez a abertura do trabalho com a apresentação dos componentes da banca e da discente, atribuiu-se o tempo de vinte minutos para a apresentação do trabalho. Após a apresentação seguiu-se a arguição e em seguida as respostas. A comissão reuniu-se e apresentou o parecer final com a nota 10,0, em seguida os membros da banca fizeram suas considerações finais passando a palavra para o discente que efetuou seus agradecimentos. Nada mais havendo a tratar, eu Prof.ª Dr.ª **Myrian Sá Leitão Barboza** lavrei a presente ata que após ser lida será assinada pelos membros da banca e pela discente.

Banca Examinadora:

Myrian Sá Leitão Barboza

PRESIDENTE: Prof.ª Dra. Myrian Sá Leitão Barboza

Thiago Almeida Vieira

AVALIADOR: Prof. Dr. Thiago Almeida Vieira

Myrtle Pearl Shock

AVALIADORA: Prof. Dra. Myrtle Pearl Shock

Camila Pereira Jácome

AVALIADORA: Prof.ª Dra. Camila Pereira Jácome

Ádyla Wilsandra Valente de Souza

Discente Autora: Ádyla Wilsandra Valente de Souza

*Para todas as mulheres da minha vida e meu
pai, Armando Viana de Souza, in memoriam.*

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão às mulheres do Mercado 2000 não tem tamanho. Fui muito bem recebida e acolhida durante as vezes que fui visitá-las. Vivenciar vários momentos junto de vocês, em meio às plantas, ao conhecimento profundo que vocês guardam e a força que carregam trouxe-me gosto pela beleza e cultivo das mesmas. Sempre lembrarei com carinho de todas vocês, e espero, de verdade, que a gente possa trazer a visibilidade que as mulheres que atuam no Mercado merecem. Dona Bastiana, muito obrigada por ter me recebido em sua casa, chamando-me para conhecer sua horta e sua filha Regina, que também tem minha gratidão. Dona Alda e dona Maria, vocês são umas queridas e torço muito por vocês. Dona Ferrúcia, nossas conversas contribuíram muito para esse trabalho, você me trouxe direcionamento e norte. Muito obrigada!

Myrian Sá Leitão Barboza, desde o início da graduação perambulei pela análise e lavagem de cerâmicas, participei de projeto de pesquisa de direito à cidade, fiz análises minuciosas de carvões no laboratório, mas não imaginava que seria você quem apareceria com um sotaque contagiante, um sorriso de ponta à ponta, me acolhendo e me guiando para o encontro das plantas com nuances femininas. Antes mesmo de imaginar ser sua orientanda, você abriu as portas para mim – como ninguém. Sempre muito presente, cordial, atenciosa, positiva, sonhadora e, sobretudo, paciente. A sua orientação foi imprescindível para essa pesquisa. Muito obrigada por tudo, de coração!

Agradeço ao Instituto de Ciências da Sociedade, mais especificamente o PAA (Programa de Antropologia e Arqueologia), que pelos seus vagões já nos viu desesperadxs, quase chorando, entre uma apresentação de seminário, um copo de café com pimentinha e uma prova ou outra do Raoni.

Agradeço às minhas queridas professoras Anne, Myrtle, Gabi, Bruna e Camila, que sempre foram fontes de inspiração de como eu queria seguir dentro da Arqueologia.

Agradeço também aos meus professores Claide, que foi o meu primeiro orientador na bolsa de mobilidade acadêmica na USP, ao Vinícius, ao querido Bruno e ao Raoni, que me acolheu como pai quando precisei.

Agradeço a professora Ana Beatriz, que me inseriu no grupo de pesquisa de direito à cidade, me encorajou, me fez enxergar os contextos da cidade por uma ótica diferente e me ajudou a perder o medo de falar em público.

Eduardo Neves, o cara mais famoso da Arqueologia Amazônica, meu orientador de mobilidade acadêmica, no MAE-USP, obrigada pelas conversas no Arqueotrop, pelos contatos feitos, pelas histórias compartilhadas. Você fez história na Amazônia e na minha vida.

Agradeço ao meu pai, que mesmo não podendo me ver chegar aqui, em todas as suas cartas de amor deixadas, sempre expressou o quanto acreditava em mim, e que me preparou para vencer tantas adversidades que a vida pregou. Nunca esquecerei da gente lendo juntos, das nossas mãos desenhadas uma sob a outra, de você me levando para a UFPA, e dizendo que sempre estará no primeiro lugar da fila para me aplaudir na arquibancada da vida. Eu te amo muito, papai. Consegui!

Mamãe, vovó, vovô, tia, titio, e maninha, o apoio de vocês em todos os momentos sempre foi fundamental. Para vocês, não importa se estou longe ou perto, o que importa são as minhas escolhas. Vocês me mostraram que havia vários caminhos, e acredito que estou andando na direção para qual pretendo fazer o bem às pessoas. Quando precisei largar tudo, vocês me acolheram, seguraram minha mão e disseram que eu ainda me encontraria, vendo sempre potencial em mim. Não há palavras que descrevam o meu apreço e amor por vocês.

Nádia, quando fui para São Paulo, você me recebeu com tanto carinho, apesar da distância estamos sempre em sintonia e agradeço muito por todo apoio que me dá.

Tauba e Rafael, vocês foram incríveis e receptivos na minha acolhida no MAE, muito obrigada!

Marcio Amaral e Georgia Layla, vocês foram meus papais no campo do Mamirauá, em Tefé-AM. Mesmo sem me conhecer, disponibilizaram o apartamento de vocês e me acolheram. Obrigada por tanto!

Irmãs da vida e melhores amigas! (Amanda, Nívia, Juliana, Bruna, Jessielane e Camila) Conversar, fofocar, criar fontes das minhas imaginações e estar junto de vocês, sempre me abre novos horizontes e percepções. Enfim, a última pontinha vai formar. Agradeço também as boas energias dos meus primos Valdinho, Juninho, Kellvelyn, Neto, Nêmora e Wândrio, que no último ano se fizeram muito presentes na minha vida, deixando tudo mais leve entre uma partidinha de vôlei ou uno.

Lana e Helson, muito agradecida pelas tardes que pudemos nos encontrar e chorar as pitangas juntos. Neste último momento, vocês foram essenciais para minha vida acadêmica. Obrigada não apenas pelo apoio, mas por fazerem parte de minha vida desde o início do nosso

grupo, o Priorit, composto também pelo meu saudoso e amado Luís Alexandre (presente), Indira Barbara, Carlos Magno, Jamile e Adriany.

Adriany, Lana e Elinalda, vocês contribuíram para essa pesquisa me motivando, não deixando a peteca cair e sempre me ensinando a como ser forte, resistente e amiga. Vocês são incríveis!

Luís Alexandre, essa também é para você, meu amigo. Obrigada por tudo que pudemos compartilhar enquanto estivemos juntos. Com certeza você é uma das maiores inspirações e saudades da Arqueo2017.

Agradeço a FAPESPA e CNPQ pela bolsa PIBIC, que pode financiar minha estadia dentro da universidade.

Agradeço ao NPDAFRO (Núcleo de Pesquisa e Documentação das Expressões Afro-religiosas do Oeste do Pará), que neste último processo de TCC foi essencial para mim, se tornando minha casa.

Agradeço ao Laboratório de Arqueologia, que sempre foi uma inspiração para minhas escritas. Somos muito privilegiadas por poder trabalhar e apreciar o rio Tapajós.

E, também, agradeço aos amigos que fiz nos 45 minutos do segundo, nesta reta final, e me deram muito suporte, pois é isso que amigo também faz. Ana Clara, Willon, Marlete, Erivaldo, Emilly e Ronald, que produziu com muito carinho meus mapas, vocês foram fundamentais para mim nesta jornada dupla, não tenho palavras para descrever como me senti acolhida e amada por vocês.

Enfim, ao meu grande companheiro, namorado, amigo e aconchego no final do dia, deixo minha gratidão. Élber Bentes, só você sabe a fundo os meus percursos, você acompanhou e vivenciou todos os processos, desde meus quase sete semestres no direito, meus cinco semestres na arquitetura e urbanismo e toda a minha jornada acadêmica na UFOPA, e sabe que nem tudo foi um mar de rosas. Contudo, sempre me mostrando o lado positivo da vida. Sempre acreditou em mim, embarcou nas minhas loucuras, me livrou de algumas crises existenciais e me puxou a orelha quando necessário. O seu apoio e compreensão não têm parâmetros. Além disso, ouvia com atenção os meus embates acadêmicos na mesa do seu babá e do seu Paulo, e sempre foi um bom ouvinte. Só tenho amor a lhe oferecer.

RESUMO

O Mercado 2000 representa o principal mercado popular da cidade de Santarém, no oeste do Pará, onde são comercializados impressionante variedade e quantidade de produtos medicinais, artesanais, dentre outros, e sobretudo alimentícios. A partir de um levantamento bibliográfico a respeito do que os navegantes naturalistas evidenciaram quando passaram por Santarém (PA) e conversas realizadas com vendedoras de plantas, como frutas, verduras, raízes, folhas e flores no Mercado 2000, investiguei o que se entende pela categoria “plantas do passado” e se estas ainda são utilizadas no presente, e se a categoria do termo PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais) se enquadra para este estudo de caso na Amazônia. As vendedoras são detentoras de um rico repertório de saberes relacionados à coleta, ao preparo, uso, consumo e venda das “plantas do passado”. As mulheres expressaram a importância simbólica e utilitária das “plantas do passado” no cotidiano e nos rituais de suas famílias e da população santarena. Para elas, a continuidade dos saberes e usos das “plantas do passado” é um ponto crucial, onde as mulheres atuam como principal detentora e mensageira do domínio fitocultural que é transmitido desde as antigas gerações. As vendedoras aprenderam a cuidar das plantas desde crianças com as suas bisavós, avós e mães. Diante disso, debato o papel das mulheres na transmissão de conhecimentos relacionados ao uso, cuidado, e preparo das “plantas do passado”, seja nos usos familiares e pessoais, como nas relações de negociação e venda entre os consumidores e, também, como as PANCs não se enquadraram no meu estudo de caso, não incumbindo a categoria de não-convencionais, pois são plantas utilizadas diariamente. Logo, a relação das mulheres com as plantas têm uma grande contribuição para minha pesquisa, e podem ser vistas por meio do repasse de conhecimentos.

Palavras-chave: Mulheres; Transmissão de conhecimentos geracionais, Plantas do passado; PANC; Amazônia.

ABSTRACT

Mercadão 2000 represents the main popular market in the city of Santarém, in western Pará, where an impressive variety and quantity of medicinal products are sold, among others, and especially food. Based on a bibliographic survey about what naturalist navigators showed when they passed through Santarém (PA) and conversations with sellers of plants, such as fruits, vegetables, roots, leaves and flowers at Mercadão 2000, I investigated what is meant by the category “plants of the past” and if these are still used in the present, and if the category of the term PANCs (Non-Conventional Food Plants) fits for this case study in the Amazon. The sellers hold a rich repertoire of knowledge related to the collection, preparation, use, consumption and sale of “plants of the past”. The women expressed the observed and utilitarian importance of the “plants of the past” in the daily life and rituals of their families and the population of Santa Catarina. For them, the continuity of knowledge and use of “plants of the past” is a crucial point, where women act as the main holders and messengers of the phytocultural domain that is transmitted from ancient generations. The saleswomen learned to take care of the plants since they were children with their great-grandmothers, grandmothers and mothers. In view of this, it debates the role of women in transmitting knowledge related to the use, care, and preparation of the “plants of the past”, whether in family and personal uses, such as in negotiation and sales relationships between consumers and, also, how the PANCs did not fit into my case study, not being included in the non-conventional category, as they are plants used daily. Therefore, the relationship between women and plants makes a great contribution to my research, and can be seen through the transfer of knowledge.

keywords: Women; Transmission of generational knowledge, Plants from the past; PANC; Amazon.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de localização do estudo no município de Santarém	22
Figura 2- Feira do Mercado 2000, Santarém (PA)	23
Figura 3- Palmeiras desenhadas por Bates	29
Figura 4- Desenho de Palmeira e Coqueiro feito por Ferreira	32
Figura 5 - Desenho de Myrtaceae ilustrado por Ferreira	33
Figura 6 - Relação da mulher com o Mercado 2000, Santarém (PA)	40
Figura 7 – Capim Santo	48
Figura 8 - Trevo Raimundinho	48
Figura 9 – Trevo roxo	49
Figura 10 - Ginja	49
Figura 11 - Tendo	50
Figura 12 - Lágrima de Nossa Senhora	50
Figura 13 - Cariru	51
Figura 14- Espinafre	51
Figura 15 - Maxixe	52
Figura 16 - Tabioba	52
Figura 17: Mastruz	53
Figura 18 - Dona Bastiana, uma das interlocutoras da pesquisa	59
Figura 19- Dona Maria	60
Figura 20 - Dona Ferrúcia	60
Figura 21 - Dona Alda	62
Figura 22 - Dona Regina	63
Figura 23 - Dona Bastiana em sua horta	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estruturas dos capítulos	20
Tabela 2 - Contrabando de produtos comercializados em 1827, conforme Florence (2007)	30
Tabela 3 - Plantas citadas pelos navegantes naturalistas	34
Tabela 4 -Relação de plantas do passado” utilizadas pelas vendedoras do Mercado 2000	46
Tabela 5 - As plantas comercializadas atualmente pelas vendedoras do Mercado 2000	55

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	13
APRESENTAÇÃO	13
1. INTRODUÇÃO	17
1.1 Procedimentos Metodológicos	20
1.2 Área de Estudo	21
CAPÍTULO 2	24
Os estudos etnohistóricos sobre as mulheres e as plantas alimentícias do passado de Santarém	24
CAPÍTULO 3	37
As “Plantas do Passado” Comercializadas pelas Vendedoras do Mercado 2000 (Santarém-PA)	37
3.1 As plantas mais utilizadas no passado	39
3.2 Principais motivos do não uso atual das “plantas do passado”	51
3.3 Os tipos de plantas comercializadas atualmente no Mercado 2000	52
3.4 As “plantas do passado” e as plantas comercializadas hoje no Mercado 2000 podem ser consideradas PANCS?	55
CAPÍTULO 4	57
O Papel das Mulheres na Continuidade de Uso das “Plantas do Passado” em Santarém	57
4.1 Histórias de vida das vendedoras	58
4.2 Tradição familiar no cultivo, no cuidado, na coleta, e na comercialização de plantas entre as vendedoras do Mercado 2000	62
4.3 Restrições para as mulheres durante a coleta e o preparo da planta	69
4.4 Os donos das plantas comercializadas	70
4.5 Percepção da atual geração sobre as “plantas do passado”	72
CAPÍTULO 5	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO

No meio do ano de 2019, me inscrevi para uma bolsa de monitoria de textos arqueológicos, no qual Myrian seria a coordenadora. Lembro-me que estava voltando de um campo, em Tefé-AM, e não conseguiria participar da entrevista. Talvez a partir daí ela tenha visto algo em mim, que nem eu conseguia enxergar, ainda. Depois disso, nosso primeiro contato pessoalmente foi nas aulas de caçadores-coletores. A princípio, pensei que seria mais um de tantos semestres, mas quando vi, mergulhei em pesquisas voltadas para gênero, plantas, e me deparei com um universo riquíssimo, mas com poucas referências teóricas e, mais, poucas mulheres falando sobre isso.

Acabei percebendo que durante os últimos anos houve uma ressignificação do pensamento acadêmico. Não queríamos mais debruçar sob tantas teorias que falam da Amazônia, dos ribeirinhos, da várzea, dos indígenas, dos negros e, de nós, mulheres, sem viver como nós vivemos e sem sentir o que nós sentimos. Seja na pele, no corpo, no cabelo, no gênero, na ancestralidade, no dia a dia. Começamos a querer contar nossa própria história e fazer uma arqueologia do presente.

Diante disso, comecei a reformular alguns dos meus discursos com base nas minhas percepções, abrindo minhas (poucas, mas importantes) experiências de vida e entendendo que cada um de nós temos um papel e espaço fundamental para a construção de nossas histórias. Através da minha história, desejo que outras pessoas se inspirem, para que delineiem seus próprios caminhos, seja dentro do âmbito acadêmico, de maneira afetiva, dentro da política ou até mesmo esteticamente falando.

Quando falo com mulheres, sobre mulheres, ou conto a minha história de vida, de uma mulher que cresceu se inspirando na avó, na mãe e na tia, inspiro quem busca me ouvir. Quando uma mulher me conta a sua história e me permite escrever sobre, relatando o que sente, ela me fortalece e me inspira a continuar dando visibilidade a um gênero que é tão importante, mas pouco mencionado dentro da academia e fora dela.

Dessa maneira, redesenhamos nossas lutas, nossas histórias e nossos sonhos, partindo de um contato transformador, por meio de relações profundas e inspirações mútuas. De sentir, de tocar, de enxergar e de querer mostrar para o mundo todo como é importante ser mulher e como somos capazes de alcançar muitos espaços. Para chegar até esta pesquisa, passei por outros dois projetos que não deram certo por causa da pandemia de COVID-19. Depois de ter

passado pelo curso de Direito, pelo curso de Arquitetura e Urbanismo, e, enfim, ter me encontrado e me apaixonado pela Arqueologia, pensei que nada mais poderia me abalar. No entanto, em 2020, que seria o meu último ano dentro da universidade, percebi que as esperanças tinham sido invadidas pelas incertezas. A pandemia chegou. E não foi fácil.

Desde criança sempre fui uma menina curiosa, que gostava de ler, de brincar de ser professora, com alma de artista. A casa da minha avó sempre foi preenchida de desenhos, cores e livros. Ainda pequena, acompanhava meu pai na universidade quando ele cursava Matemática. Era a única criança que ia para a UFPA. E me orgulhava disso. Era início dos anos 2000, lembro-me que numa noite conheci a biblioteca da universidade e fiquei encantada com tantos livros e com um computador imenso que via pela primeira vez.

Aos quatro anos de idade, já sabia juntar as sílabas e pedia para meu pai emprestar livros para ficar imaginando que também estava na universidade. Às vezes eu dormia no meio da aula, às vezes ficava atenta a tantos números, mas o final era sempre o mesmo: uma bola de sorvete na sorveteria Nido. Mesmo tão pequena, eu queria tudo aquilo um dia para mim quando chegasse a minha vez.

Anos depois, foi o momento da minha tia entrar na UFPA, no curso de Pedagogia. Eu já tinha uns sete anos, mas lembro da emoção da primeira mulher da família ter entrado numa universidade pública. A trajetória da minha tia foi um pouco diferente da do meu pai. Ela enfrentou greves e passou por coisas que meu pai, sendo homem, não sentiu na pele, como por exemplo, a dificuldade em pegar ônibus na época.

Em 2007 chegou a vez da minha mãe entrar na universidade. Eu já tinha completado 10 anos, já conseguia fazer coisas básicas e a minha avó cuidava de mim na sua ausência. Meu pai já tinha passado em concurso público e era professor. Não estavam mais juntos, mas sua ausência física quase não era sentida, pois ele sempre se fez muito presente para mim. A minha mãe precisava estudar e trabalhar, por isso, a gente se via pela manhã, quando eu ia para o colégio e ela ia para o trabalho e, às vezes, quando eu estava acordada assim que ela chegava da universidade.

Como dividíamos o mesmo quarto, em alguns relances durante os meus sonhos, via a minha mãe varando madrugada estudando. Talvez eu nunca tenha dito o quão forte ela foi por aguentar tantos anos nessa labuta, por ter abdicado de diversos sonhos por causa da minha criação e por ter sido incrível em tudo que fez por mim. Ela foi a última a se formar, mas meu pai não chegou a ver.

Até 2009, pouco sabia o que era Mestrado, para mim, era algo de outro mundo. Porém, o meu pai, meu grande professor da vida, explicou-me como funcionava, e o que vinha depois, o doutorado. Ele me elucidou depois de dizer que foi o único da região Norte que passou naquele ano, ficou em segundo lugar em Matemática Pura na UFRJ.

Eu já estava no oitavo ano, meu pai foi morar no Rio de Janeiro e muitos sonhos começaram a pairar nos meus pensamentos. Comecei a pensar que também poderia chegar num mestrado um dia, como meu pai. Entretanto, no final de 2010, ao chegar do curso de Inglês, soube que meu pai havia falecido. Sem ter terminado o seu mestrado. Sem me dar um abraço e um adeus. Ele não ia me ver crescer, não ia me ver terminar o ensino médio, não ia me levar para fazer o temeroso ENEM, não ia me ver entrar na universidade, não ia cantar a música do Pinduca “Marcha do Carnaval”, e nem ia me ver formar.

Os sonhos do meu pai foram interrompidos. Ele sonhava em ser professor doutor da UFOPA, porque os burburinhos da mudança da universidade já soavam na época. Mas não consegui. Decidi que faria tudo que ele sempre quis, e que eu sempre quis: ser professora. Levou muito tempo para me recuperar dessa perda e para me encontrar. No entanto, no fundo, tinha comigo o que meu pai sempre dizia: “Estude, minha filha, que essa é a herança que posso deixar para você, o seu conhecimento”.

Com a ajuda da minha avó, do meu avô, da minha mãe e da minha tia, consegui chegar até a Arqueologia e não desistir de mim, mesmo achando que seria incapaz de ser qualquer coisa nos momentos nebulosos que tive. E, por falar em Arqueologia, cheguei até ela em 2017. Aos 16 anos entrei no curso de Direito, mas levou quase sete semestres para aceitar que não era aquele meio que queria para mim. Nessa época, chegou a Arquitetura e Urbanismo na cidade, e como sempre amei artes, desenhos, e criações, pensei: É isso que quero para mim. Novamente fiz vestibular e cheguei até o quinto semestre da segunda graduação.

No entanto, ainda restava um sentimento de não pertencimento e um vazio. Porém, certo dia, esses sentimentos mudaram. Em uma das minhas disciplinas, a professora sorteou os casarões históricos que haviam na cidade, a minha equipe ficou com a panificadora Lucy. Fomos atrás da inspiração do nome, colhemos vários dados por meio de entrevistas, fizemos uma cronologia temporal, falamos sobre as restaurações realizadas no local e tudo isso encheu os meus olhos.

Depois desse trabalho fiquei encantada. Comecei a pesquisar sobre restaurações, e cheguei na Ciência Arqueologia. Li tudo que poderia e foi, então, que soube o que queria. Dessa maneira, lá fui eu fazer ENEM. E passei. Agora estaria na tão sonhada federal, dando

passos para as pesquisas, para as bolsas, para a ciência. Os meus sentimentos mudaram totalmente, passaram a ser de pertencimento. Poxa, como pude esquecer do que a garotinha da quinta série queria? Lembrei-me que numa tarde, em meados de 2006, tive uma aula de História, cujo assunto era escavações. Após essa aula, e depois de querer ser professora e astronauta, fiquei convicta de que seria arqueóloga. Olha só as voltas que o mundo dá!

Tentei me dedicar ao máximo no curso e consumir tudo que tinha direito. Logo no início do curso, entrei para um grupo de pesquisa chamado “Direito à Cidade”. Esse grupo foi crucial para mim, pois melhorei a minha oratória e perdi o medo de falar em público. Depois fui para o laboratório trabalhar com cerâmicas. Meses depois consegui uma bolsa de mobilidade acadêmica sob orientação de Claide de Moraes e Eduardo Neves e fui estagiar no MAE-USP, o meu projeto tratava do Urbanismo na Amazônia Pré-Colonial. Após voltar para a UFOPA, tive uma disciplina com a professora Myrtle Shock, de domesticação das plantas e paisagens. Foi nesse momento que me encantei com a possibilidade de contarmos nossas histórias por meio de outros vestígios, como os carvões, as paisagens e a história oral.

A experiência no MAE me levou a um campo em Tefé-AM. Foi durante esse campo que fiquei tão próxima das plantas e conheci Myrian. Com Myrian fui bolsista no projeto “Navegar é preciso: Diagnóstico das Embarcações Pesqueiras, Relações Sociais e Saberes Incutidos na Carpintaria Naval Paraense (FAPESPA)”, e depois, no projeto “Guardiãs de saberes: Relações históricas e afetivas de uso e manejo de plantas do passado pelas mulheres WaiWai (Pará, Brasil)”. Devido ao sangue de Maria Moçara e das Amazonas que correm na minha veia, durante os anos que cursei Arqueologia fui guerreira, fui resistência, e fui forte. Passei por momentos maravilhosos, assim como passei por momentos difíceis, mas consegui chegar até aqui tendo apoio da minha família, da minha orientadora, e de alguns amigos.

Dizem que é muito difícil falar de quem a gente ama demasiadamente e admira, por mais que a gente tente, faltam as palavras certas para caracterizar o que queremos dizer. Eu sinto isso quando penso na minha avó. É uma mulher que carrega tanta força, tanta sabedoria, sapiência e amor. Por isso, quando penso no meu trabalho de conclusão de curso, penso nela, trabalhando desde cedo, cozinhando alimentos maravilhosos, preparando chazinho para dor, trazendo seus conhecimentos tradicionais para dentro de casa.

1. INTRODUÇÃO

Através das aulas de caçadores-coletores ofertada pela Myrian e após estar inserida no projeto de pesquisa de “Guardiãs de saberes: Relações históricas e afetivas de uso e manejo de plantas do passado pelas mulheres WaiWai (Pará, Brasil)”, me debrucei sobre temáticas de gênero, como a relação entre as plantas com nuances femininas que veio a fazer parte da minha monografia. Em um primeiro momento, o meu Trabalho de Conclusão de Curso seria sobre a relação das plantas e as mulheres WaiWai, mas diante da pandemia, as pesquisas em comunidades indígenas ficaram inviáveis. Dessa maneira, precisei pensar em outra alternativa para fazer minha pesquisa e, assim, cheguei até as mulheres que atuam no Mercado 2000, trazendo um importante contexto rural e urbano com foco para a perspectiva das mulheres. Diante das minhas pesquisas evidenciei que as mulheres têm conquistado mais visibilidade em vários aspectos na sociedade. Na Amazônia, elas vêm ganhando espaço por meio de sua participação na luta por terras, tomando a frente de vários coletivos que lutam em defesa da floresta e dos recursos naturais, e demonstrando como são parte importante na construção das histórias que hoje são contadas e estudadas, mas pouco mencionadas.

Desta maneira, resolvi discutir sobre o fator da influência do gênero nestes contextos do manejo de plantas, em específico, no Mercado 2000, com as mulheres que comercializam, coletam e manejam as plantas. Logo, o objetivo geral do trabalho é compreender a relação ao longo do tempo entre mulheres e “plantas do passado” em Santarém (PA). Utilizo o termo “plantas do passado” entre aspas porque é um termo a se referir às plantas que eram utilizadas antes, evidenciadas há muito tempo, mas que acabei constatando que ainda se fazem presentes no consumo das famílias santarenses, relacionando as “plantas do passado” com estudos contemporâneos, a fim de investigar as plantas que ocupam historicamente papel importante nessa região.

Nesta pesquisa proponho discutir se o conceito Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) é adequado para comunidades amazônicas e como esse conceito reflete a relação entre as mulheres e plantas em Santarém (PA). De acordo com de Araújo & colaboradores (2016), existem algumas espécies de plantas encontradas na natureza e cultivadas involuntariamente, e muitas vezes classificadas como pragas ou ervas daninhas, mas que possuem diversas propriedades alimentícias e podem ser ricas em nutrientes e levadas à mesa em muitas preparações, agregando sabor, textura e cor aos pratos. Tais plantas hoje passaram a ser denominadas de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs)

(KINUPP; BARROS, 2008).

Segundo Kinupp e Barros (2008), as plantas alimentícias não convencionais possuem uma ou mais partes ou produtos que podem ser utilizados na alimentação humana, tais como: raízes, tubérculos, bulbos, rizomas, talos, folhas, brotos, flores, frutos e sementes ou ainda látex, resina e goma, ou que são usadas para obtenção de óleos e gorduras comestíveis. E, também, segundo aos autores, especiarias, espécies condimentares e aromáticas, assim como plantas que são utilizadas como substitutas do sal, como edulcorantes, amaciantes de carnes, corantes alimentares e no fabrico de bebidas, tonificantes e infusões. Kinupp & Barros (2008) demonstram as utilidades e potencialidades econômicas das plantas espontâneas e ruderais, como as daninhas, e como muitas pessoas não as conhecem, usa-se o termo Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs). Além disso, o termo PANCs é um projeto de um grupo de etnobotânicos que traz questões políticas, mas não tem aval científico. Muitas escolas talvez não seja apropriado à Amazônia, mas importante contexto político do sul do Brasil. Apesar disso, tem validade porque é contra a monocultura

Entretanto, após a realização de entrevistas com mulheres que atuam dentro do Mercado 2000, verifiquei que as “plantas do passado” continuam presentes no nosso dia-a-dia, no almoço, nos quintais de casa, na hora de fazer um chá. Essas plantas eram muito utilizadas no passado, mas não deixaram de ser utilizadas hoje. Além disso, elas são alimentícias convencionais, por isso faço a provocação no estudo de que elas talvez não sejam alimentícias convencionais para quem é de outra região, mas para quem vive aqui sim. Dessa maneira, relacionar as plantas apreciadas e utilizadas em Santarém, como as PANCs, seria uma perspectiva semelhante com os naturalistas que olhavam para a Amazônia, com ar de superioridade e de um jeito colonizador, pois essas plantas são de fato muito importantes e comuns para nosso consumo, são bastante convencionais e atuais. Sendo assim, o termo PANC não se torna adequado para comunidades amazônicas, e constrói uma relação com as mulheres vendedoras do Mercado de mais de 40 anos, quando já havia outra feira, que ainda não tinha sido reformada e levado o nome de Mercado 2000.

Este trabalho traz muita importância para o âmbito acadêmico, pois salienta o papel e protagonismo das mulheres, sendo este o primeiro TCC de gênero feminino de Arqueologia da Ufopa; um movimento importante que está tomando fôlego na Arqueologia, e confronta algumas categorias científicas de que as plantas que consumimos aqui na Amazônia seriam plantas não-convencionais, conceito que não se encaixa com a nossa realidade. Diante disso, este estudo contemporâneo complementado com análises etnohistóricas também contribui

para a Arqueologia, pois assim repensamos no papel histórico das mulheres e plantas de um passado não tão distante.

Por conseguinte, divido minha monografia em cinco capítulos. No primeiro capítulo abordo minha introdução, os motivos que me trouxeram até aqui e os meus procedimentos metodológicos. No segundo capítulo contextualizo os estudos etnohistóricos das plantas alimentícias do passado, ou seja, transporto uma viagem ao passado dos navegantes naturalistas, que trazem as primeiras informações documentadas de como as plantas eram compostas na Amazônia, especificamente em Santarém, Pará. Neste capítulo, verifico a relação histórica entre mulheres e “plantas do passado” sob a ótica dos naturalistas viajantes.

No terceiro capítulo abordo um estudo de caso com as mulheres que trabalham no mercadão 2000, o maior mercado público de Santarém, com muita variedade de plantas, frutas e temperos. E demonstro como está este local de troca, no caso, o mercadão 2000 e como as PANCs não contextualizam os estudos na Amazônia.

O quarto capítulo efetua uma análise da relação das mulheres e as plantas, compreendendo o processo histórico de uso e manejo das plantas, e demonstrando como as mulheres exercem um importante papel dentro das mudanças de paisagens e cultura familiar. E, também, como elas têm um papel fundamental para dar continuidade no uso das “plantas do passado”, pois o repasse de conhecimento de geração à geração é muito comum e marcado por lembranças afetivas.

E, por fim, o quinto capítulo explana as considerações finais, relacionando os dados dos capítulos anteriores e como são importantes para a Arqueologia e para a nossa vida. Abaixo especifico melhor por meio da tabela 1, das estruturas dos capítulos como meu trabalho está dividido.

Tabela 1 – Estruturas dos capítulos

Capítulo 1	Apresentação, introdução, área de estudo e procedimentos metodológicos.
Capítulo 2	Relatos etnohistóricos sobre a relação entre as mulheres e “plantas do passado” em Santarém, Pará.
Problemática de pesquisa	Qual a relação histórica entre mulheres e “plantas do passado” em Santarém (PA) do ponto de vista dos naturalistas viajantes?
Objetivo Específico	Verificar a relação histórica entre mulheres e “plantas do passado” em Santarém (PA) do ponto de vista dos naturalistas viajantes.
Capítulo 3	As “plantas do passado” comercializadas pelas vendedoras do mercadão 2000 (Santarém, PA)

Problemática de pesquisa	Como as mulheres do mercadão 2000, como as mulheres atuam e se as PANCs contextualizam os estudos na Amazônia.
Objetivo Específico	Verificar a relação atual entre “plantas do passado” e vendedoras do mercadão 2000 em Santarém (PA)
Capítulo 4	O papel das mulheres na continuidade de uso das “plantas do passado” em Santarém (PA)
Problemática de pesquisa	Como gênero e geração se relacionam com as plantas do passado?
Objetivo Específico	Verificar a atuação das mulheres com as “plantas do passado” em Santarém
Capítulo 5	Considerações Finais

Fonte: Valente, 2023

1.1 Área de Estudo

O Mercadão 2000 foi criado devido à necessidade de dar suporte ao desenvolvimento de uma parte da cidade. A priori, a obra atenderia o turismo e, principalmente, o abastecimento da área central da cidade. De acordo com o ex-prefeito de Santarém, Ronan Liberal (Portal do G1, 2018), o Mercadão 2000 é o principal centro de abastecimento do Baixo Amazonas, comendo 385 boxes. Além do mercado de pescado, frutas regionais, verduras, e artesanato, as plantas medicinais e outros fármacos são uma das atrações imperdíveis do Mercadão 2000. Mesmo sendo em 1983, a escolha do nome faz referência à expectativa do que esperavam do novo século, e da chegada dos anos 2000.

Não encontrei estudo sobre número total de feirantes do Mercadão 2000, número de homens e mulheres feirantes, origem, quantos são produtores e revendedores, etc. Há uma necessidade de se ter essas informações para falar sobre um mercado que é tão importante para a cidade. Além disso, falta um estudo de diagnóstico de caracterização desses feirantes. Essa invisibilidade dos feirantes também se dá devido à expansão urbana de Santarém. Atualmente, muitas propriedades rurais vêm sendo expulsas pela soja.

Figura 1- Mapa de localização do estudo no município de Santarém



Autor: Ronald Azulay (2023)

De acordo com Azevedo e Faulin (2005), a maioria das transações que envolvem os agricultores familiares são locais de venda, como feiras, quitandas e varejões. Nestes lugares o preço, a quantidade, a forma de pagamento e entrega, são definidos no momento e a transação não se prolonga no tempo. Segundo os autores, uma forma de contrato utilizada por agricultores familiares para a comercialização dos seus produtos é a feira livre. A feira livre é um canal que permite o relacionamento direto entre o produtor e o consumidor final. Sendo mais acessível para identificar com maior facilidade as necessidades e os desejos do consumidor e melhorar os aspectos produtivos e estruturais (AZEVEDO e FAULIN, 2005).

Figura 2-Feira do Mercadão 2000, Santarém (PA)



Foto: Barbara Vale e Marcelo Borary (2022)

Em Santarém (PA), as vendedoras são detentoras de um rico repertório de saberes relacionados à coleta, ao preparo, uso, consumo e venda das “plantas do passado”. As mulheres expressaram a importância simbólica e utilitária das “plantas do passado” no cotidiano e nos rituais de suas famílias e da população santarena. Para elas, a continuidade dos saberes e usos das “plantas do passado” é um ponto crucial, onde as mulheres atuam como principal detentora e mensageira do domínio fitocultural que é transmitido desde as antigas gerações. As vendedoras aprenderam a cuidar das plantas desde crianças com as suas avós e mães.

1.2 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas e em cima de levantamentos bibliográficos, como documentos e relatos etnohistóricos dos naturalistas, que proporcionaram a análise capaz de produzir reflexões importantes sobre como o papel da mulher é um grande estimulador para o consumo de plantas e como o gênero pode influenciar quando estamos falando sobre a comercialização das plantas na Amazônia. A presença da mulher perante ao saber e o manejar de plantas sempre esteve presente em nossas vidas como

integrantes de famílias que possuem o repasse de conhecimentos. Badke e colaboradores (2012) demonstram como a figura da mulher influencia e se destaca na transmissão de conhecimento das plantas, e também incentivam no cultivo, além de quererem dar continuidade na prática de manejo de plantas medicinais.

Sabendo que as mulheres possuem um rico repertório de conhecimento, um acervo de conhecimento ilimitado, o processo de construção da pesquisa foi primeiramente realizado com aporte teórico e revisão bibliográfica. Além do levantamento bibliográfico, para a realização da entrevista utilizei um roteiro com 16 perguntas. A escolha do Mercado 2000 se deu porque trata-se do mercado popular da cidade de Santarém, no oeste do Pará, onde são comercializadas uma impressionante variedade e quantidade de produtos medicinais, artesanais, dentre outros, e sobretudo alimentícios.

A seleção das mulheres para a pesquisa foi realizada por indicação da rede de relações, que consiste em um processo no qual uma informante indica outra, trilhando o método denominado Bola de Neve (BAILEY, 1994). Este método compõe a indicação de cada entrevistado, os participantes vão indicando quem participa da entrevista e assim sucessivamente. Dessa maneira, gera uma rede para investigações subsequentes. A primeira entrevistada foi definida quando perguntei para um feirante quem era a senhora mais velha que vendia plantas e verduras. Após conceder a entrevista, ela me convidou para ir até a sua casa, conhecer sua filha e sua horta, que também vende plantas, e me indicou outra mulher dentro da feira. E assim, sucessivamente, a cada entrevista deu-se a elaboração da rede de relações. Vale frisar que todas autorizaram citá-las pelos nomes neste trabalho. Por isso, começo dizendo que a entrevistada 1 é a dona Bastiana, a 2 é dona Maria, a 3 é a dona Ferrúcia, a 4 é a dona Alda e a 5 é a dona Regina.

A fim de ordenar a coleta de dados, um roteiro foi criado para entrevista e observações, constando perguntas voltadas para plantas mais utilizadas por elas no passado, os motivos para não serem mais consumidas, para que as plantas servem, quais os seus benefícios, quais tipos são comercializadas atualmente. O método Bola de Neve (BAILEY, 1994) foi escolhido porque eu não conhecia muito bem como se configurava o contexto do Mercado 2000, e as mulheres são detentoras de conhecimentos, logo, seriam as melhores pessoas para repassar informações.

Para a identificação das plantas comercializadas no Mercado 2000, utilizei sites de wikipédia, herbários e dei preferência para utilizar a etnoespécie (nome popular) e espécie de gênero. Para identificação das plantas citadas pelos etnohistóricos, utilizei os nomes

científicos diretamente dos relatos dos naturalistas, e para nomes, como família, que mudaram com o tempo, corriji por meio de livros e herbários. Para os desenhos que fiz das plantas que são comercializadas atualmente, utilizei tintas de PVA e acrílico sob papel de alta gramatura.

CAPÍTULO 2

Os estudos etnohistóricos sobre as mulheres e as plantas alimentícias do passado de Santarém

Neste capítulo realizo um levantamento etnohistórico considerando a narrativa dos naturalistas, que há muito tempo passaram pela Amazônia, mais precisamente, em Santarém (PA). O objetivo principal é verificar a relação histórica entre as mulheres e “plantas do passado” em Santarém (PA) e as plantas consumidas e comercializadas na região, do ponto de vistas dos naturalistas. Diante disso, analiso os documentos e relatos etnohistóricos dos naturalistas acerca de quais eram as principais plantas encontradas no passado, se haviam trocas de sementes e de plantas, quem estava por trás do cultivo, do preparo e uso das plantas, e qual o papel das mulheres na relação com as plantas no passado, segundo a visão deles.

2. O olhar dos navegantes naturalistas na Amazônia

Desde muito tempo a Amazônia tem sido um espaço que atrai pessoas de fora, e a curiosidade e o vislumbre do que se tem na Amazônia vem sendo estudado e relatado há milhares de anos. Os primeiros cronistas relatam como ficaram impressionados com a água doce introduzindo no mar, no oceano Atlântico. As primeiras viagens realizadas na Amazônia foram lideradas pelo espanhol Vicente Yáñez Pinzón, mais tarde Francisco de Orellana desceu o rio Napo à procura das plantas como a canela (*Cinnamomum* spp.), que foi um dos interesses da época. Mas o primeiro a fazer um relato dos recursos naturais da região Amazônica foi o cronista Gaspar de Carvajal (UGARTE, 2009).

Carvajal não falou sobre a canela nem o ouro, mas deixou claro em seus relatos como a população amazônica era grande, com saúde, bem alimentada, com aldeias grandes, cercadas de pomares e com muitos alimentos. Anos mais tarde, outros naturalistas visitaram a Amazônia e alcançaram Santarém, como diz Alfred Wallace (1939, p. 167)

Após uma prolongada viagem de 28 dias, alcançaram Santarém, na barra do Rio Tapajós, cujas águas azuis e muitos transparentes, formam nítido e agradável contraste com túrbidas águas dos Amazonas.

Wallace (1939), relata que foi recebido em Santarém pelo capitão Hislop, um velho escocês que, de imediato, providenciou uma casa para Alfred e o convidara para tomar todas as refeições na sua própria mesa, pelo tempo que desejasse. Conta, ainda, que a cidade de

Santarém fica localizada em um local muito bonito, num declive, na barra do Tapajós. Nos fundos da cidade, existiam extensos campos arenosos, onde se viam espalhados cajueiros, mirtáceos e muitas outras árvores, e mais adiante, uns morros baixos, alguns desnudos e outros cobertos de mato denso. Quanto ao comércio, Wallace (1939, p.168) diz:

O comércio local consiste principalmente na exportação de castanhas, salsaparrilhas (que é o melhor do Amazonas), peixe salgado, sendo um desses artigos obtidos dos índios mundurucus, industriosa tribo que habita no rio Tapajós.

Alfred Wallace conta que Santarém era muito propícia para fazer piqueniques, pois para onde olhava, tinha imagens agradáveis. O lugar deixava os passeios muito pitoresco, com areia secas nas praias, via-se grandes e antigas arvores e sombrios bosques, onde se divertiam bastante, capturando insetos e examinando as novas formas de vegetação, que eram vistas por toda parte.

Após passar algumas semanas em Santarém, Wallace foi para Monte Alegre, mas um tempo depois retornou novamente e ficou em outro lugar da cidade. Após seu retorno, contratou uma mulher negra para cozinhar, enquanto iam trabalhar, pois assim que voltaram, entraram numa regular atividade. Ao chegarem em casa, depois de longos dias de trabalho, comiam logo um melão-de-água, hoje em dia conhecido como melancia (*Citrullus lanatus*), que ficava guardado de propósito para a volta. Wallace (1939, p. 192) relata que essa fruta, àquela hora, era muito agradável e muito refrigerante. Diz ainda que:

Em Santarém, encontram-se, abundantemente, carne de vaca, peixe, leite, frutas. O solo é seco a água é muito limpa, um conjunto de vantagens que raramente se encontra nessa região. Há ali alguns prados pantanosos, muito mais parecidos com o da Europa do que comumente se veem perto do Equador, nos quais encontrávamos pequenas e lindas melastomas e outras flores.

Tratando-se dos caminhos e campos, a cidade era coberta de florescentes mirtáceas, melastomas muito crescidas, muitas “flores-da-paixão”, convolvuláceas e begônias. No fundo da cidade, viam-se algumas colinas desnudas, do formato de cones, em que de tempo em tempo eram realizadas visitas. De acordo com Lourenço & Barbosa (2012), as famílias Myrtaceae e Melastomataceae apresentam um grande número de espécies e são componentes importantes de muitos biomas brasileiros, mas relativamente poucas são empregadas para fins medicinais. As partes mais usadas são as folhas, cascas e também os frutos que são comumente consumidos (LOURENÇO e BARBOSA, 2012). Exemplos de plantas são eucalipto (*Eucalyptus sp.*), jambo (*Eugenia jambos L.*), e goiabeira (*Psidium guajava*). As flores da paixão são exemplos de espécies silvestres, como as Passifloras domesticadas, com

base em características morfológicas de folhas e frutos, como o maracujá (*Passiflora spp.*) (Crochemore, 2003).

Segundo De Lange & Bouman (1999), as begônias são um gênero amplamente distribuído nos trópicos e subtropicais do Velho e Novo Mundos, com cerca de 1.400 espécies. Para Jacques & Mamede (2005), o gênero apresenta ampla variabilidade morfológica, podendo ser caracterizado pela assimetria da lâmina foliar, pelas flores estaminadas com quatro tépalas e pistiladas com cinco, ovário ínfero com placentação axilar e cápsulas trilobadas. Segundo Azania (2002), as convolvuláceas, que também são da família da batata doce, destacam-se dentre as plantas daninhas que podem causar sérios danos à cultura da cana-de-açúcar, especialmente em áreas de cana crua, como por exemplo as plantas corda-de-viola (*Pomoea hederifolia*), Flor-de-cardeal (*Ipomoea quamoclit*) e campainha (*Ipomoea nil*)

Anos mais tarde, o naturalista Henry Bates, chegava nos campos de Santarém, no Baixo Amazonas, relatando como estava atraído pelas árvores e arbustos em flor, que eram muito abundantes. Bates (1944, p. 105) relata que as abelhas silvestres da América do Sul pertencem aos gêneros *Melipona* e *Euglossa* e se vêm com frequência preferindo a seiva adocicada que exsuda das árvores ou os excrementos de aves, caídos nas folhas.

A média das plantações do Amazonas, perto de Santarém, é de setecentos arrobas por dez mil pés. A agricultura estava aí muito atrasada. O valor de uma plantação de cacau era insignificante, pé sendo avaliado em 40 réis ou um *penny*, incluindo a terra onde estava a plantação.

Portanto, podia-se comprar uma légua quadrada de terra, plantada de cacau, por quarenta ou cinquenta libras esterlinas. O preço de venda do cacau variava muito, Bates (1944), relata que as plantações não requeriam muitos esforços. A planta podia ser produzida três vezes por ano, em março, junho e setembro, mas a safra de junho quase sempre falhava, e as dos outros meses eram muito precárias. Entre as colheitas, as plantações exigiam que uma limpeza fosse realizada, estando aí a maior dificuldade em conservar as plantas livres de trepadeiras e epífitas, principalmente as parasitas do grupo das Lorantáceas, chamadas *pés-de-passarinho*, porque, segundo Bates (1944), as suas belas flores vermelhas e alaranjadas se parecem, na forma e na disposição.

Bates (1944), conta que a cidade apresentava aspecto asseado e amável, vista do rio. Era formada por três longas ruas, com algumas travessas que as cortam em ângulos retos e conta cerca de 2 500 habitantes. Estava dividida em duas partes, a cidade e a aldeia. As casas dos brancos e dos comerciantes eram construídas por dois e três andares, todas caiadas e

cobertas de telhas. Já a aldeia, onde continha a porção indígena da população, continha cabanas de taipa, cobertas de folhas de palmeiras (figura 03). Além disso, reunia várias montanhas a se perder de vista e era coberta de mata.

Figura 3- Palmeiras desenhadas por Bates



Fonte: Bates (1944)

Ao chegar a Santarém, tanto Bates (1944), quanto Wallace (1939), escreveram sobre os produtos comercializados pela cidade. As suas colocações reforçam que os Mundurucus forneciam alguns alimentos, dentre os quais se destacavam a castanha-do-pará, a salsaparrilha, a farinha e o peixe salgado.

Anos mais tarde, Hercules Florence (2007), fez uma expedição do rio Tietê ao rio Amazonas e no dia primeiro de julho de 1828, chegou em Santarém. Florence (2007, p. 263), relata que, assim como quase todas as povoações da província, Santarém também possuía seu aldeamento indígena, que ficava em formato da letra “L”. Conta o mesmo, que o nome

primitivo da aldeia fora Tapajós, nome também da povoação próxima, substituído porém pelo de Santarém, sem dúvida por efeito da influência que buscou dar denominações de origem portuguesa a todas as localidades do vale do Amazonas. De acordo com Florence (2007), Santarém estava cheia palmeiras, que via-se de longe os cachos de cocozinhos, que fazia-se uma bebida agradável, com consistência do leite.

Após sair de Santarém, a caminho de Belém, o comandante autorizou que Florence copiasse os seus registros, onde constava a relação dos produtos do país que durante o ano de 1827 haviam descido o rio e sido revistados na estação fiscal. E pontuou que, devido ao contrabando, as quantidades eram inferiores à importação real, como pode ser visto na tabela a seguir (FLORENCE, 2007):

Tabela 2 - Contrabando de produtos comercializados em 1827, conforme Florence (2007).

Produtos	Quantidades	Valores
Barras de Ouro	30	No valor de 3:125\$220
Cacau	190.452	Arrobas
Salsaparrilha	5.744	Arrobas
Cravos (especiais)	5.646	Arrobas
Breu	260	Arrobas
Óleo de Copaíba	167	Potes
Óleo de Copaíba	18	Barris
Guaraná	89	Arrobas
Urucu	6	Arrobas
Castanhas doces	1.953	Sacos
Fumo	7.380	Arrobas
Café	5.725	Arrobas
Algodão	126	Arrobas
Estopa do país	317	Arrobas
Amarras de piaçaba	253	Arrobas
Piaçaba em rama	618	Arrobas
Piaçaba em molhos	357	Arrobas
Piaçaba em cordas	4.328	Polegadas
Arroz	314	Alqueiras
Feijão	43	Alqueiras
Farinha de mandioca	1.256	Alqueiras
Carne-seca	4.271	Arrobas
Cebo	215	Arrobas
Chifres	730	
Couros	1.612	
Pirarucu seco	48.718	Arrobas
Manteiga de tartaruga	7.896	Potes
Mixira	230	Potes
Redes	30	
Tábuas de Itaúba	182	
Tábuas de cedro	24	

Fonte: Florence (2007)

Florence (2007, p.264), relata que o povo do Tapajós se contentava com uma choupana, umas plantaçoẽzinhas, algumas galinhas, algumas roupas de algodão, desprendidos de objetos, o mato e a canoa bastam. As mulheres, em geral, eram muito licenciosas. Os seus trajos consistiam numa camisa de musselina bordada, de mangas compridas e de uma saia de chita, cheia de dobras atrás e dos lados, com uma abertura pela qual se vê a camisa também toda artisticamente franzida. No pescoço carregavam colares e relíquias de ouro, metal que brilhavam também nas orelhas, e no meio das tranças negras e escorridas da cabeleira. Sempre descalças, em contato com a terra.

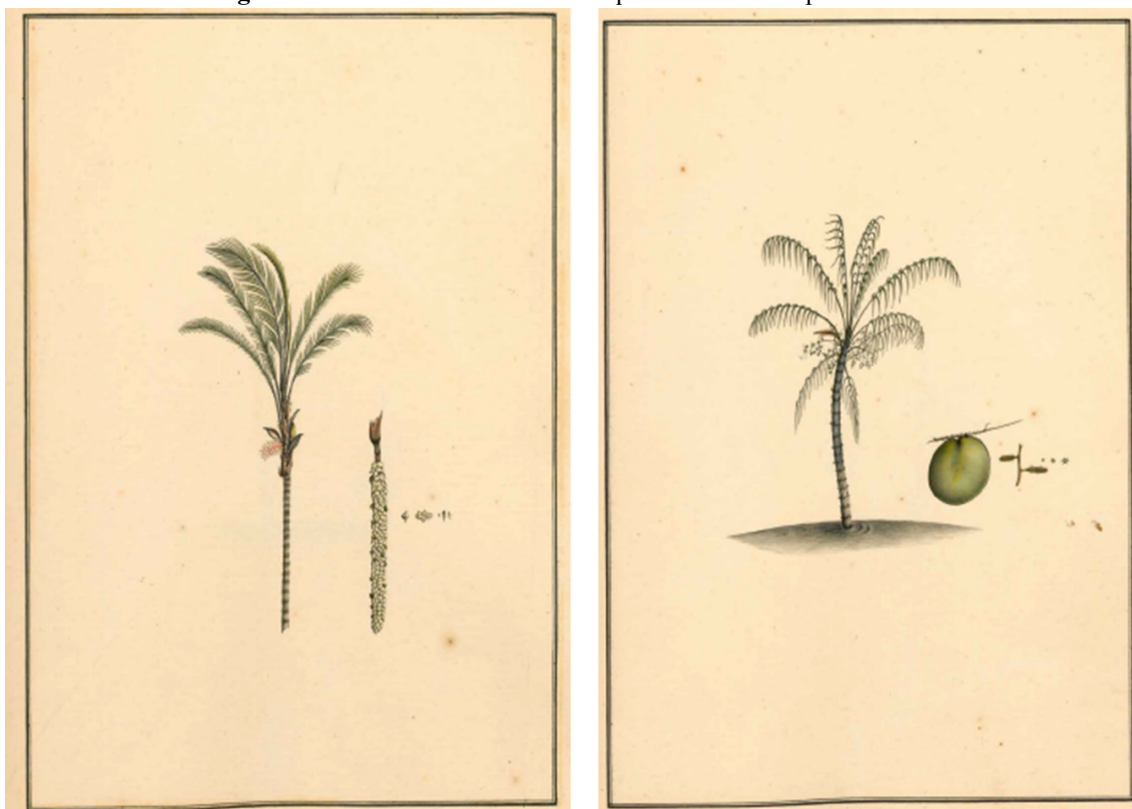
De acordo com Weinstein (1985), no oeste do Pará, na região conhecida como Baixo Santarém, as áreas circunvizinhas a Santarém e as localizadas na desembocadura do rio Tapajós, além das atividades criatórias e culturas agrícolas, vários cacauais também foram cultivados Weinstein (1985), conta que:

Eles fazem grandes plantaçoẽs de mandioca, vendendo o excedente da produçoẽ - que no Tapajós varia de 3.000 a 5.000 cestos anualmente - nos meses de agosto a janeiro aos mercadores que sobem o rio vindo de Santarém. Também colhem grandes quantidades de salsaparrilha, borracha e fava-tonca [também conhecida como cumaru (*Dipteryx odorata*)] nas matas. Os mercadores, ao chegarem em Campinas (a região quase destituída de matas habita pelo núcleo central dos Mundurucus e situada depois das cataratas), têm de distribuir primeiro as suas mercadorias - roupas de algodão ordinário, machados de ferro, artigos de cutelaria, miudezas e cachaça - entre os subchefes, e depois esperar três ou quatro meses pelo pagamento em forma de produtos agrícolas.

No século XVIII, alguns europeus tinham o anseio de coletar plantas e animais pelo mundo para construírem um inventário do que existia em diversos locais. Diante disso, o universo vegetal foi objeto de estudo e motivo de várias viagens por naturalistas. A expedição comandada pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) foi indispensável para coleta de dados. Um dos diferenciais de Ferreira foi sua biblioteca, que o acompanhou durante a expedição.

A viagem filosófica pela Amazônia foi uma das suas expediçoẽs, que tinha por objetivo ir a fundo e revelar até elementos ocultos. Ferreira (1939) coletou variados tipos de plantas e disse que os indígenas foram cruciais para o relato de “Memória sobre as palmeiras do Estado do Grão-Pará ...”, além de dar ênfase sobre como alguns animais e plantas compunha a agricultura e o comércio colonial:

Figura 4- Desenho de Palmeira e Coqueiro elaborados por Ferreira



Fonte: Ferreira (1939)

Figura 5 - Desenho de Myrtaceae ilustrado por Ferreira



Fonte: Ferreira (1939)

Para avaliar melhor a agricultura, Ferreira (1939) construiu tabelas detalhadas sobre a composição populacional e produção agrícola. Em cada comunidade, os mapas populacionais comissionaram as capacidades da mão-de-obra, demonstrando como haviam trabalhadores ativos e inativos, sendo brancos, indígenas, negros escravos, mulheres, crianças e idosos. Desta maneira, a produção agrícola transformou-se em um dado fundamental para versar um diagnóstico da economia da Amazônia. E, assim, foi aferido as colheitas de farinha, arroz, milho, cacau, café e tabaco, enquadrando-se em balanços da produção agrícola.

Segundo Porro (1996), a visão inaugural da Amazônia oferecida pelos cronistas viajantes, como Frei Gaspar de Carvajal na expedição de Francisco de Orellana entre 1541 e 1542, fundamenta como as deduções teóricas servem de esforço tanto para os espanhóis quanto para que os portugueses foquem em tomadas de posse, com denominação e dominação efetiva de culturas e de território. Através das crônicas dos exploradores, missionários e administradores que tratam das fontes etno-históricas relativas à organização sociopolítica da várzea amazônica nos séculos XVI e XVII, observamos que os assuntos de seus interesses

vão além de muitas sumárias e a procura por ouro e outras riquezas, que à primeira vista formam um quadro contraditório do grau de interação e política das chamadas províncias indígenas do Rio Amazonas.

Desde os primeiros momentos de sua presença na Amazônia, os viajantes naturalistas e exploradores se mostraram impressionados com a cobertura vegetal da região e a associação de que os solos poderiam ser férteis, não apenas por sustentar a imensa floresta, mas também pelos outros tipos de vegetação. De acordo com Urgate (2009), no quinhentos, frei Gaspar de Carvajal não deixou de falar de seu comportamento diante de ambientes amazônicos, que correspondiam a distintas formações vegetais (tabela 03).

Tabela 3- Plantas citadas pelos navegantes naturalistas

Nº	Família botânica	Nome da Popular	Nome Científico	Referência
1	Anacardiaceae	Cajueiros	<i>Anacardium</i> spp.	Wallace, 1939
2	Arecaceae	Assahy	<i>Euterpe oleracea</i>	Ferreira, 1939
3	Arecaceae	Ibacába	<i>Oenocarpus bacaba</i>	Ferreira, 1939
4	Arecaceae	Inajá	<i>Anacardium occidentale</i>	Ferreira, 1939
	Arecaceae	Patauá	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	Ferreira, 1939
5	Arecaceae	Côco	<i>Cocos nucifera</i>	Florence, 2007
6	Arecaceae	Patauá	<i>Oenocarpus</i> sp.	Ferreira, 1939
7	Bixaceae	Úcum	<i>Bixa orellana</i>	Ferreira, 1939
8	Bromeliaceae	Curuá	<i>Ananas</i> sp.	Ferreira, 1939
9	Cucurbitaceae	Melão-de-água	<i>Citrullus lanatus</i>	Wallace, 1939
10	Euphorbiaceae	Borracha	<i>Hevea brasiliensis</i> L.	Weinstein, 1993
11	Euphorbiaceae	Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>	Weinstein, 1993
12	Lauraceae	Canela	<i>Cinnamomum</i> spp.	Wallace, 1939
13	Lecythidaceae	Castanha-do-Pará	<i>Bertholletia excelsa</i>	Wallace, 1939
14	Malváceas	Algodão	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Bates, 1944
15	Melastomataceae	Melastomas	<i>Melastomaceae</i>	Bates, 1944
16	Poaceae	Milho	<i>Zea mays</i>	Ferreira, 1939
17	Rubiáceas	Café	<i>Coffea</i> sp.	Ferreira, 1939
18	Smilacaceae	Salsaparrilhas	<i>Smilax</i> spp.	Wallace, 1939
19	Steculiaceae	Cacau	<i>Theobroma cacao</i>	Bates, 1944

Fonte: Valente, 2023

Através da tabela elaborada para demonstrar a quantidade de plantas citadas pelos navegantes naturalistas, identifiquei que todas as plantas, apesar do nome popular ter alterado com o tempo e com a atualização da gramática, ainda são utilizadas atualmente. Também observei que algumas dessas plantas, como o coco e melão-de-água foram introduzidas na África, demonstrando como a expansão humana e da agricultura começou no continente. Muitas das plantas citadas são classificadas como não-convencionais, como por exemplo o açaí, o urucum, o inajá, a bacaba, a castanha-do-pará. Por isso trago minha inquietação e

provocação do trabalho sobre a categoria PANC para realidade amazônica. Diante disso, não utilizo o termo PANC e prefiro utilizar “plantas do passado”, sendo um exercício inicial, pois é difícil estabelecer categorias.

Além disso, diante dos relatos dos cronistas viajantes, consegui notar que as mulheres raramente são mencionadas. Entretanto, elas têm um papel fundamental por trás do preparo e cuidado das plantas. Inclusive, Wallace (1939) cita que uma mulher foi contratada para preparar as comidas durante sua expedição. Provavelmente, as mulheres possuíam outras funções, mas elas foram apagadas de diversos registros, não tendo sua devida importância e protagonismo registrado.

2.1 Perspectiva da arqueologia sobre a relação entre plantas e mulheres na Amazônia

Nos anos de 1960, Betty Meggers, Clifford Evans e outros brasileiros fundaram o PRONAPA (Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas) e o PRONAPABA (Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica). As ideias de Meggers continuam vigentes até hoje. Grande parte dos arqueólogos que trabalham nas regiões da Amazônia não utilizam suas adaptações e teorias sobre adaptação humana na floresta tropical e expansão dos povos.

Meggers (1955), acreditava que nenhuma população antiga conseguiria manter grandes sociedades na floresta amazônica, devido a pobreza dos solos e a escassa quantidade de recursos. Sociedades como as que foram encontradas na Ilha do Marajó seriam uma sequência de migrações andinas ou circum-caribenhas e, ao chegar em áreas de floresta amazônica, teriam “evoluído” e entrado em decadência.

Entretanto, segundo Neves (2019), pesquisas recentes realizadas por Heckenberger (2008), Schaan (2012), Neves (2013) e Rostain (2013) têm salientado grandes números de evidências de que a Amazônia não era uma terra virgem e intocada, e que grande parte da subsistência de seus antigos habitantes era oriunda de um manejo extensivo das florestas e savanas da região, sem necessidade de envolver a agricultura intensiva. Exemplo disso são as terras pretas, bem como os sítios arqueológicos que demonstram relações dos humanos com as plantas, especificamente nos estudos de paleobotânica.

Inicialmente, a arqueologia amazônica teve influência da ecologia cultural, mas teve sua importância para aquele momento, nos estudos de Meggers e Evans. Atualmente, a arqueologia na Amazônia vem sofrendo mudanças com abordagens mais recentes como ecologia histórica. Tentando sair da influência da ecologia cultural norte americana e do

determinismo ecológico, a perspectiva da ecologia histórica ganhou bastante espaço, num contexto de processo geral de revisão dessas influências.

Para a ecologia histórica, diferente do que Meggers (1955) mencionava sobre a limitação ambiental, Neves (1999) expõe que o meio ambiente é como um condicionador da cultura, colocando a Amazônia em um contexto periférico na história pré-colonial da América do Sul (Lathrap 1973a; Roosevelt 1991a). Sendo assim, a Amazônia pode sim ser um jardim manejado pelas pessoas, transformando a paisagem e a biodiversidade. Para Beleé (2017), a diferença entre a ecologia histórica e demais pontos de vista, além de disciplinas ecológicas, tem a ver com o antropocentrismo de uma forma ou outra.

A ecologia histórica difere da ecologia cultural principalmente pelo critério de agência humana, assim como da adaptação ao ambiente. A ecologia cultural considera que o ambiente não é transformável. Ao contrário, os humanos é que devem adaptar suas culturas, tecnologias e populações ao mesmo. Tipicamente, a ecologia cultural não explica fenômenos de alta ordem social com cidades, estados e suas áreas adjacentes porque os postulados centrais são baseados no determinismo ambiental de sociedades com tecnologias simples (BALEE, 2017).

Segundo a arqueóloga Furquim (2021), a arqueologia e a ecologia histórica se dedicam a compreender a maneira como diversas camadas de ocupação se sobrepõem, formando um palimpsesto de tempos distintos. Ainda segundo a autora (2021), levantamentos florísticos modernos comprovaram que a diversidade de plantas presentes em um determinado local é diretamente proporcional à diversidade de ocupações deste mesmo local, e que pomares ou áreas de ocupação antigas, das quais muitas possuem solos antropogênicos conhecidos por terras pretas são mais férteis para os roçados contemporâneos.

De acordo com Furquim (2021), a história de longa duração e coevolução da floresta amazônica e seus habitantes foi tecida através da diversificação de línguas, plantas, objetos, formas de construir os corpos e de tudo o que está imbricado nas redes de relações que se formam na floresta. A ampliação gradativa do conhecimento e dos usos que os povos indígenas fazem e faziam das plantas não levou à produção intensiva ou ao monocultivo. Pelo contrário, resultou em pluralidade de espécies e variedades distintas, marca de diversos grupos do presente, parece ter sido, não obstante, também uma marca do passado, corroborada pelas agroflorestas policulturais.

A arqueóloga Myrtle Shock e o arqueólogo Claide Moraes (2019), procuram demonstrar que as populações humanas empregam plantas amazônicas de diversas formas – como remédios, venenos, matérias-primas para construção, elementos de rituais –, mas também constataram que as plantas têm alto valor alimentício. Dessa maneira, dezenas de

espécies com folhagem, frutos e/ou sementes comestíveis exibem indicadores da manipulação humana em contextos arqueológicos (SHOCK & MORAES 2019).

Através de dados etnográficos e históricos detalhados sobre populações amazônicas, Shock e Moraes (2019) procuram cultivar analogias sobre as práticas de manejo de seus antecedentes, sendo que seu legado teria permitido o uso do sistema atual. Quanto ao uso da ecologia histórica como ferramenta de análise para contextos arqueológicos, procura-se dimensões temporais de transformação na composição dos recursos ambientais.

Conseguimos enxergar que muito foi atribuído à Amazônia nos últimos tempos, como as transformações e vendas de paisagens. Entretanto, para além dos cacais, seringais, e fortunas de elite e hierarquias deixadas para nosso povo, existiam outras plantações que eram subsistências das pessoas que não foram citadas nos relatos dos cronistas, porque seus olhos estavam treinados para ver o que gerava riqueza, e o que os homens produziam.

Diante disso, questiono-me onde estavam as mulheres? Quem coletava o que elas cozinhavam? Onde plantavam? De fato, existem lacunas que precisam ser revistas, que não escapam das tradicionais caracterizações da economia da Amazônia, onde o gênero feminino, quase nada é mencionado porque os homens, que eram os navegantes naturalistas, não procuravam abordar o papel das mulheres, e quando as procuravam era para reforçar papéis de gênero que lhes interessavam, de submissão. As arqueólogas Furquim & Jácome (2019), explicam que conceitos europeus e norte-americanos foram transpostos para as interpretações acerca das populações nativas e tradicionais (quilombolas, ribeirinhos, entre outros) no Brasil, resultando no apagamento de devires ênicos em relação às construções de gênero e pessoa. Portanto, ainda segundo as autoras, classificações e periodizações desenvolvidas para explicar a história das Américas se basearam igualmente em parâmetros civilizatórios estrangeiros, resultando na inviabilização étnica dos povos indígenas e africanos na Arqueologia feita sobre períodos anteriores e posteriores à invasão europeia, sobretudo em relação as mulheres (FURQUIM & JÁCOME, 2019).

Segundo Pagnossi (2017), a arqueologia de gênero surge durante os anos 1980, com os trabalhos pioneiros de Gero e Conkey, e com a realização de uma conferência intitulada “Engendering Archaeology” em 1988. Nesta conferência, foram debatidos os problemas já elencados na introdução, relativos à crítica da arqueologia tradicional, suas metodologias, e o modo no qual perpetuam o machismo dentro do meio acadêmico e profissional, e como incorporar as demandas feministas à arqueologia.

A arqueóloga Pagnossi (2013) demonstra como é possível identificar três momentos no desenrolar da arqueologia de gênero, sendo o primeiro relacionado a tudo que foi produzido pela arqueologia, até então, era androcêntrica, escrita por e para os homens. O segundo é voltado para o momento de adoção do relativismo cultural, mediante o estudo de sociedades com relações e papéis de gênero distintos do usual. E, por fim, o último é a adesão a novos aportes teórico-metodológicos, e incorporação de novas teorias, como a Queer.

Pagnossi (2013) discute os papéis que foram atribuídos para as mulheres ao longo dos tempos, e ressalta que a perspectiva de gênero ajuda a desmistificar algumas conclusões da arqueologia tradicional. Alguns exemplos podem ser vistos nas atividades de tecelagem, criação de ferramentas líticas, caça, agricultura, e pesca, sendo exercidas por ambos os sexos, ao contrário do que se acreditava. E, de acordo com a autora (2013), diversos estudos provaram que na maioria das vezes a mulher foi a iniciadora da domesticação das plantas, devido ao fato de estar, na maioria das vezes, envolvida na coleta.

A partir destas perspectivas arqueológicas feministas, podemos observar que nossos olhares precisam de novos caminhos e de mais atenção. Enquanto continuarmos lendo o que os homens falam sobre nós, mulheres, ou quando nem nos citam, não seremos lidas e interpretadas como deveríamos, e não teremos o protagonismo que, de fato, merecemos. Nós, mulheres, somos partes importantes das histórias e dos contextos arqueológicos. Merecemos mais do que uma menção, merecemos estudos aprofundados que retratam as contribuições das mulheres ao longo do tempo.

CAPÍTULO 3

As “Plantas do Passado” Comercializadas pelas Vendedoras do Mercado 2000 (Santarém-PA)

“O melhor de Santarém é nossa gente”
Jana Figarella, 2010 (O melhor de Santarém).

Basta algumas horas na cidade de Santarém para perceber a profundidade da afirmação na epígrafe que inicia este capítulo. Jana Figarella cita em sua melodia que já falaram dos rios, das comidas e crenças, das danças, das lendas, do linguajar, das praias, mas o melhor são as pessoas. Elas são acolhedoras, carregam muitas histórias e saberes, são afetuosas e transmitem suas experiências de geração para geração porque adoram manter viva a história da cidade.

A cidade desfruta de vários pontos comerciais importantes, alguns turísticos, e outros essenciais para o dia a dia. Um desses lugares é o Mercado 2000, que representa o principal mercado popular da cidade de Santarém, onde são comercializadas uma impressionante variedade e quantidade de produtos medicinais, artesanais, dentre outros, e sobretudo alimentícios. Neste capítulo, meu objetivo de pesquisa é verificar quais as principais “plantas do passado” comercializadas por mulheres no Mercado 2000, como as mulheres atuam e se as PANCs contextualizam os estudos na Amazônia. O objetivo específico é verificar a relação atual entre “plantas do passado” comercializadas por mulheres no Mercado 2000, se ainda são utilizadas e se as PANCs seria um termo adequado para esse contexto.

Em sua pesquisa, Cardoso & Vieira (2019) citam a Feira Mercado 2000, como uma importante feira tradicional da cidade, que se constitui em um dos principais pontos de venda e distribuição de alimentos na região. O Mercado 2000 foi criado com o intuito de atender as necessidades de uma parte da cidade. Inaugurado em 1983, atualmente é gerido pela Associação dos Produtores Rurais de Santarém (APRUSAN) (HOLANDA; RODRIGUES; SANTOS, 2017). O Mercado fornece para a região produtos como frutas, verduras, óleos vegetais, peixes e vários outros itens provenientes da floresta, do campo e da várzea, com abastecimento diário feito por produtores rurais, agricultores familiares e atravessadores, movimentando a economia da cidade (MORAIS; GUEDES; CARDOSO, 2017).

Texeira (2019) cita que o mercado de Santarém é considerado um mini ver-o-peso e não deixa a desejar quanto a itens que são provenientes da Amazônia. Localizado na região

central da cidade, lá são comercializados produtos como frutas regionais, artesanatos, plantas medicinais, e outros fármacos naturais produzidos surgidos de espécies nativas com poder de cura. Alguns exemplos do que pode ser encontrado são folha de jambu fresca, farinhas diversas, feijão manteiguinha de Santarém, pimentas dentre outros produtos regionais (TEXEIRA et. al 2019).

A relação da mulher com Mercadão 2000 configura da entrada a saída dos ambientes, por onde se olha, consegue-se ver que as mulheres estão atuando em vendas, preparos de comidas e aguardando seus clientes com um sorriso acolhedor e algumas dicas de como utilizar as plantas. A partir de conversas realizadas em junho de 2022 com cinco vendedoras de plantas de frutas, verduras, raízes, folhas, e flores no Mercadão 2000, investiguei o que se entende por “plantas do passado” e se essas são utilizadas no presente.

Figura 6 - Relação da mulher com o Mercadão 2000, Santarém (PA)



Foto: Barbara Vale e Marcelo Borary (2022)

3.1 As plantas mais utilizadas no passado

No decorrer da entrevista, questionei o porquê de muitas plantas que eram utilizadas antigamente e hoje não são mais, e quais seriam. O passado descrito pelas vendedoras foi de 10 a 40 anos. Além disso, também me relataram que as pessoas que ainda procuram as plantas são pessoas com idade mais avançada. Elas dizem que é muito difícil os jovens terem interesse pelas plantas e pelos saberes tradicionais, que no mundo de hoje, em que tudo já vem pronto, e que no próprio Mercadão já vende, não vão atrás de ainda fazer.

Dona Bastiana diz: “Não se vê mais algumas plantas porque no próprio Mercadão já vendem remédios e não utilizam mais o caseiro. Por isso, não procuram mais a folha, procuram algo pronto, que não dá mais trabalho para fazer.”. Dona Maria cita: “Não é do

conhecimento do pessoal de agora, é do pessoal antigo.” e dona Regina completa afirmando “Quem procura é mais velho. A atual geração só procura porque os mais velhos avisam.”

Dona Bastiana citou que erva cidreira (*Melissa officinalis* L.) e capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) são plantas do passado que quase não se vê, pois têm outras plantas que podem substituí-las, como a corama (*Kalanchoe pinnata* Lam.)

Dona Bastiana menciona que o passado que não se vê mais essas plantas é de aproximadamente 10 anos. Afirma que são mulheres mais antigas que utilizam essas plantas, inclusive tiram de seus próprios quintais. “Se está com dor de cabeça, tira; se está com dor no estomago, vai ao quintal e tira uma folha de boldo (*Peumus boldus*).”

Dona Bastiana repassou seus conhecimentos para a filha. Dessa maneira, a filha toma conta da horta e vende em casa, enquanto Bastiana está na feira. Ela é a primeira entrevistada que disse que aprendeu a utilizar as plantas na infância, com o pai, e cita que repassou seus conhecimentos para a filha. Sem exceção, para todas as entrevistas o aprendizado foi transmitido oralmente de uma geração para outra geração e, na maioria das vezes, de mãe para filha, quando houve uma necessidade de se criar com um chá para dor, como mencionou dona Bastiana.

Inclusive, essa manifestação demonstra como a transmissão de saberes relacionados ao uso e à coleta também é uma manifestação de afeto, de cuidado, e de cautela entre a mãe e suas filhas e filhos, tanto que exprime seus conhecimentos para que saibam e repassem, assim, sucessivamente. Badke et al. (2012), no texto “Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais” demonstram por meio de uma pesquisa quantitativa do tipo exploratório-descritiva, realizada na área de abrangência de uma Unidade de Saúde da Família (USF) de um município localizado na região central do Rio Grande do Sul, Brasil, como os entrevistados tiveram o aprendizado transmitido oralmente de pessoa a pessoa, como por exemplo na fala da Senhora Sene:

Desde a nossa infância, desde que nós eramos crianças. Eu me criei com isso [chá].
A minha mãe [ensinava]. A mãe era muito prestativa com essas coisas para chá...
(BADKE et al 2012)

Portanto, os autores Badke et al. (2012) ressaltam a importância feminina, sobretudo, materna, na transmissão dos conhecimentos. Para dona Maria, a segunda entrevistada, diz que o trevo raimundinho (*Melilotus Indicus*) é uma planta do passado que não se encontra mais, o viu quando era menina, e completa:

Ele serve para urina, rins. O trevo raimundinho é uma folhinha pequena que parece bago de feijão e se faz chá dele. Um tempo desse vieram procurar, mas não tinha.

Dona Maria diz que o trevo roxo (*Scutellaria agrestis* A.St.-Hil. ex Benth.), também é outra planta que procuraram, mas não se encontram com facilidade. Ela explicou que o trevo roxo serve para tireóide, dor de ouvido e diarreia. Faz-se o chá para diarreia, o suco para a dor de ouvido e o gargarejo para a tireoide. A sua mãe tinha pé dessas plantas, mas o passado que não se vê é de aproximadamente 40 anos. Quando questionada sobre o porquê, ela diz: “porque não é do conhecimento do pessoal de agora, é do pessoal antigo”.

Para além das folhas, perguntei se havia alguma fruta ou raiz que não é mais vista, e ela disse que a ginja (*Prunus cerasus*) é uma fruta da qual sente saudades e que nunca mais viu. Relembrou do pé da ginja que tinha no quintal da sua mãe e no quintal da sua avó, e como eu nunca tinha ouvido falar nesta fruta, ela me disse que parece com uma acerola, que é quase da mesma cor. Além dela, também do tento (*Adenantha pavonina* L.), e da lágrima de nossa senhora (*Coix lacryma-jobi* L.), que também não é mais vista.

Depois fui à banca da dona Ferrúcia, de origens na agricultura familiar, onde planta um jerimum (*Cucurbita mochata*), cria uma galinha, um porco e vende para sobrevivência da família”. Quando questionei o que vendia muito no passado, ela comentou sobre cariru (*Talimun triangulare* (Jacq.) Willd.), espinafre (*Alternanthera sessilis*), maxixe (*Cucumis anguria* L.) e quiabo (*Abelmoschus esculentus*):

Antigamente as famílias procuravam quando ainda se faziam “aquele cozidão” era o cariru, espinafre, maxixe... Hoje são poucas famílias que ainda consomem maxixe, quiabo, essas coisas. Hoje o que a maioria usa é comida industrializada, e quando faz, é um assado de panela, um bife, um desfiado, no geral comida que não leva tanta verdura. (DONA FERRÚCIA, 2022)

Dona Ferrúcia diz que no contexto de família, essa é uma mudança de mundo. Antes as pessoas se preocupavam em fazer comida em casa, “hoje dificilmente todos conseguem comer em casa, comem no trabalho, na rua, e já é uma comida diferenciada, não é comida caseira que leva todas as verduras como cheiro-verde e couve... Então isso mudou muito na nossa vida”. Ela explica que antigamente, no Mercadão, cada produtor trazia seu produto para vender. Logo, o consumidor ia de banca em banca escolhendo o que queria. Hoje em dia, o consumidor chega na banca e quer encontrar tudo, e se não tiver o que deseja, ele vai comprar em outra banca, que tem tudo. Ela diz que isso foi uma mudança muito grande dentro da feira e que com certeza contribui para que muitas plantas deixassem de ser consumidas.

Perguntei quanto tempo era esse passado e ela disse que “cerca de 15 anos, exceto o maxixe, que com esforço ainda é encontrado”. Além disso, também perguntei se existe alguma raiz que ela conhece que não é mais utilizada, ela me disse que a taioba (*Xanthosoma taioba* E.G.Gonç.). Mencionou que antigamente todo mundo procurava para fazer sopa. Eu pedi para ela me descrever como a taioba é e Dona Ferrúcia disse:

Ela é um tajá grande com batata muito saborosa, boa para colocar no cozidão, fazer purê, e tem uma vitamina muito boa.

A taioba encontra-se na em uma categoria PANCs. Essa categoria agrega algumas espécies de plantas que comunidades tradicionais, como as da Amazônia, cultivam nos quintais de casa, em suas hortas, e consomem. No entanto, para grande parte da população, principalmente de contexto urbano, essas plantas não são muito conhecidas. Ou ficaram famosas atualmente, porque começaram a fazer parte de decorações de pratos refinados de restaurantes renomados e famosos das cidades grandes, enquanto as plantas são produzidas há muitas décadas, faziam parte do consumo dos amazônidas, e era uma renda para comunidades rurais.

De acordo com Kinupp e Lorenzi (2014), as PANCs são espécies vegetais que possuem uma ou mais partes alimentícias que não são corriqueiras, que não fazem parte do dia a dia, espontâneas ou cultivadas, nativas ou exóticas, incluindo ainda partes alimentícias de espécies convencionais como o “umbigo” da bananeira, as folhas de batata-doce ou as folhas, flores, brotos e sementes de abóboras.

Em seguida, perguntei se, além da taioba, ela conhecia outras plantas que não são muito comuns de serem vistas, mas que comemos. Ela me disse que sim, e explicou:

Aqui na nossa região, existe uma quantidade de verduras que são ativas daqui. Já o pessoal que vem de fora, procura outras verduras, como acelga, espinafre, agrião da água, chicória popom, parece rúcula, mas é amarga. Eu até tinha uma amiga que plantava, mas como não havia procura, ela desistiu.

Após passar pela banca da dona Ferrúcia, fui à banca da dona Alda, e perguntei se existiam plantas que antes eram mais utilizadas no passado e agora quase não encontram mais. Ela disse que quando morava com a mãe quase não precisava de adubo, tinha muito jerimum e mandioca (*Manihot esculenta*). Ela morava na várzea, no Aritapera. Disse que também tinha bastante taioba, mas que hoje não utiliza mais, num passado de 20 anos.

E, por fim, a minha última entrevistada foi a dona Regina, filha da dona Bastiana. Dona Bastiana me convidou para conhecer sua horta e quem fez o itinerário comigo foi a

Regina, que cedeu a última entrevista e ressaltou a importância feminina, sobretudo, materna na transmissão de saberes e conhecimentos das plantas, como expressa no relato:

Eu trabalho porque a minha mãe passou para eu trabalhar, já que ela foi ficando mais velha, de idade. Aí eu cuido das plantas e ela vende na feira. Mas eu também ajudo a vender, só que eu vendo aqui na horta, enquanto ela está lá.

Questionei se haviam plantas do passado que hoje não são mais procuradas, ou que ela não vê mais, e a mesma disse que antes o mastruz era muito utilizado, e quem ainda procura nos dias atuais são os mais velhos. Consegui observar a partir das entrevistas que dentro do contexto familiar a mulher é referência, sendo citada e lembrada principalmente quando se fala sobre o “chazinho”. Dona Alda relembra que desde pequena a sua mãe usa a folha do boldo para dor no estômago e retira tudo do seu quintal, onde ela mesma planta. E foi ela quem ensinou a mexer com as plantas e aprendeu com a sua mãe. Dona Bastiana também citou o chá de boldo, e dona Ferrúcia disse que aprendeu a fazer chá para gripe com sua mãe e avó.

Diante dos relatos e das observações, as mulheres não fizeram distinções sobre as plantas que vendiam, como por exemplo: “Essa planta é uma hortaliça que eu cultivo e uso como nativa e essa é uma que tem textura e cor”. Para elas, não existe o que é ou não convencional, o que está ou não está na moda, em evidência. Como vivemos na Amazônia, o jambu (*Acmella oleracea*), a arruda (*Ruta graveolens*), a japana branca (*Eupatorium ayapana* Vent.) e japana roxa (*Eupatorium triplinerve* Vahl.), ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*), o vick (*Mentha arvensis* L. var. *Piperascens* Holmes.), dentre outras plantas, sempre serão procuradas, e ocasionalmente, poderão ser cultivadas em alguns quintais, esquinas, e jardins. Esse é um privilégio de se viver na Amazônia.

Quando a dona Ferrúcia mencionou várias plantas que se enquadram na categoria PANCs, perguntei se ela sabia o que significava, e ela disse que não. Em seguida expliquei-lhe. Madeira e Kinupp (2016) relatam que as PANCS são espécies regionais, sendo comuns no passado, fazendo parte da cultura alimentar brasileira. Porém, como não são globalizadas, não possuem cadeia produtiva estruturada e são notavelmente rústicas e resilientes, muitas vezes de ocorrência espontânea, além de apresentarem destacado potencial nutricional. Portanto, dentro desse grande grupo, predominam frutas e hortaliças (MADEIRA et al., 2013).

De acordo com Madeira (2013), algumas hortaliças que fizeram parte da cultura alimentar, mas que caíram em desuso são beldroega, joão-gomes, caruru e serralha, ou se

mantiveram somente em determinadas regiões. Para o autor, essas espécies exercem influência na culinária e na cultura locais (exemplos: jambu, vinagreira, ora-pro-nóbis e bertalha) e é exatamente por isso que são chamadas também, especialmente em trabalhos de campo, de hortaliças tradicionais.

No ano de 2010, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento publicou o “Manual de hortaliças não-convencionais”, e demonstrou que as hortaliças não-convencionais são aquelas com distribuição limitada, restrita a determinadas localidades ou regiões, exercendo grande influência na alimentação e na cultura de populações tradicionais. Além disso, são espécies que não estão organizadas enquanto cadeia produtiva propriamente dita, diferentemente das hortaliças convencionais (batata, tomate, repolho, alface, etc.), não despertando o interesse comercial por parte de empresas de sementes, fertilizantes ou agroquímicos (BRASIL et al., 2010).

Diante das conversas realizadas com as vendedoras do mercado, identifiquei 11 espécies de plantas que têm uso alimentício, medicinal, na qual muitas são tidas da categoria PANC estabelecida por alguns cientistas, mas são de uso comum atualmente (Tabela 4). Para que essas plantas deixassem de ser consumidas, historicamente, ao longo dos anos, a reforma urbana ocorreu de maneira acelerada, acompanhando o aumento da pobreza e acesso à terra, quando se dá de maneira informal, como por exemplo: sair da zona rural para morar na cidade.

Dessa forma, o capitalismo criou cidades globais para seus interesses, com aumento de custo de vida e venda de paisagens e culturas, como é o caso de Santarém e do Mercado 2000. Entretanto, o capitalismo também pode destruir quando lhe for conveniente e reconstruir quando lhe for benéfico novamente. Exemplo disso também é o Mercado 2000, que já existia, mas foi reformado na gestão do prefeito Ronan Liberal, com o intuito de ser um modelo intitulado de “elefante branco”, trazendo o número do novo século, e atraindo mais turistas. No entanto, com o passar dos anos, os feirantes e as feirantes foram sendo esquecidas e abandonadas.

Tudo isso é reflexo de como ocorre a especulação imobiliária e de como o banco e imobiliárias podem ter interesse em um bairro, um terreno ou uma casa, garantindo valor de troca com fonte de renda e possibilitando diferentes tipos de uso, como pequenos comércios, escritórios, salões de beleza, etc. Assim, as cidades são planejadas de acordo com a necessidade do capital. Ou seja, é voltado para pessoas com condições financeiras, que podem pagar por lugares privilegiados que atenderão suas necessidades. Afastando pessoas pobres

dos centros urbanos ou de grandes áreas das zonas rurais, e levando para periferias das cidades ou ocupando novas áreas de maneira desordenada, sem suas necessidades básicas.

Tabela 4-Relação de plantas do passado” utilizadas pelas vendedoras do Mercado 2000

Nº	Família botânica	Nome da Popular	Nome Científico	Período de uso no passado	Interlocutora
1	Amarantáceas	Espinafre	<i>Alternanthera Sessilis</i>	15 anos	Dona Ferrúcia
2	Amaranthaceae	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Presente	Dona Regina
3	Araceae	Taioba	<i>Xanthosoma taioba</i> (E.G.Gonç.).	15 a 20 anos	Dona Ferrúcia e Dona Alda
4	Cucurbitaceae	Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	Presente	Dona Ferrúcia
5	Fabaceae	Tento	<i>Adenanthera pavonina</i> L.	40 anos	Dona Maria
6	Lamiaceae	Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	10 anos	Dona Bastiana
7	Leguminosae-Pa pilonaceae	Trevo Raimundinho	<i>Mellianthum officinale</i> e <i>Trifolium melilotus</i>	40 anos	Dona Maria
8	Myrtaceae	Ginja	<i>Eugenia victorian</i> Cuatrec.	40 anos	Dona Maria
9	Poaceae	Capim Cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	10 anos	Dona Bastiana
10	Poaceae	Lágrima de Nª Senhora	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	40 anos	Dona Maria
11	Talinaceae	Cariru	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.	15 anos	Dona Ferrúcia

Fonte: Valente, 2023.

Kinupp e Lorenzi (2014) afirmam que as PANC no Brasil, em sua maioria, não são cultivadas. Diferente disso, elas são subespontâneas (crescem de maneira espontânea sem que sejam plantadas) em áreas antropizadas, (que sofreram intervenção do homem) e até em áreas naturais de florestas, cerrados e campos e podem ser extraídas, quando disponíveis, para o seu consumo próprio. Para dona Bastiana, que cultiva seu próprio jambu, a intervenção ocorrida foi de uma mulher que repassou seu saber tradicional para a filha, a dona Regina.

De acordo com alguns cientistas, alguns tipos de PANCs crescem bastante rápido, por isso muitas pessoas acham que é um matinho, que mal cortaram e já cresceu, mas na Amazônia são facilmente encontradas e consumidas, principalmente nos quintais de casa. Estes “matinhos” são intitulados de daninhas. Além das ervas daninhas, outras espécies do gênero estão sendo catalogadas e fazendo parte de refinados pratos de restaurantes famosos. Dessa maneira, seu uso vem sendo difundido e apresentado através das flores, dos caules, das

plantas, das folhas das sementes e de variadas formas. Entretanto, as plantas comercializadas no mercadão consideradas PANCs por alguns cientistas, não são consideradas PANCs pelas mulheres que as vendem.

Para Köhler e Brack (2016), desde o momento em que houve a colonização europeia e a pressão sobre as comunidades indígenas, os hábitos e culturas do Velho Mundo foram superpondo à diversidade das tradições e das culturas locais. Segundo estes autores, depois da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, já havia disseminação de plantas euro-afro-asiáticas em solo brasileiro, como a cana-de-açúcar, o trigo, a cevada, bem como as uvas, a maçã, o marmelo e o figo (SOUSA, 1938). Para os autores Köhler e Brack (2016), algumas variedades de alimentos associada à cultura indígena foram desprezadas ao longo do tempo e substituídos por outros alimentos. Alguns exemplos, de acordo com os autores, de espécies que foram sendo menos consumidas são ingás (*Inga* spp.), cajás (*Spondias mombin* L), araticuns (*Annona* spp.), araçás (*Psidium* spp.), cambucás (*Plinia edulis*), pequis (*Caryocar brasiliense*), jatobás (*Hymenaea courbaril*) e tantas outras espécies, que passaram a ser tratadas com desmerecimento.

Entretanto, destaco que existem estudos históricos que mostram que as plantas indígenas foram sendo incorporadas na culinária, que viria a ser a culinária brasileira. Além disso, a gente tem como exemplo o que foi chamado de troca colombina (CROSBY, 2003), plantas que chegaram aqui, mas saíram daqui também. E esse intercâmbio colombiano entre o Velho e Novo Mundo mudou a alimentação mundial. Assim, atualmente encontramos repertório rico de espécies alimentares resultantes da cultura indígena.

Abaixo exemplifico as plantas citadas pelas interlocutoras, através de desenhos feitos por mim como uma extensão que facilitou a minha visualização e interpretação pela arte na minha pesquisa (figuras 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17).

Figura 7 – Capim Santo



Figura 8 - Trevo Raimundinho



Figura 9 –Trevo roxo



Figura 10 - Ginja



Figura 11 - Tento



Figura 12 - Lágrima de Nossa Senhora

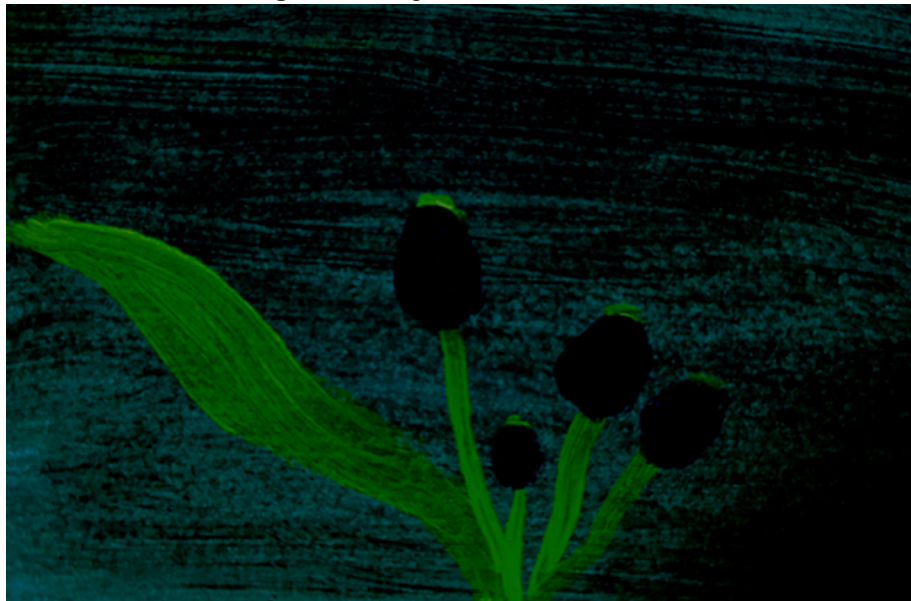


Figura 13 - Cariru

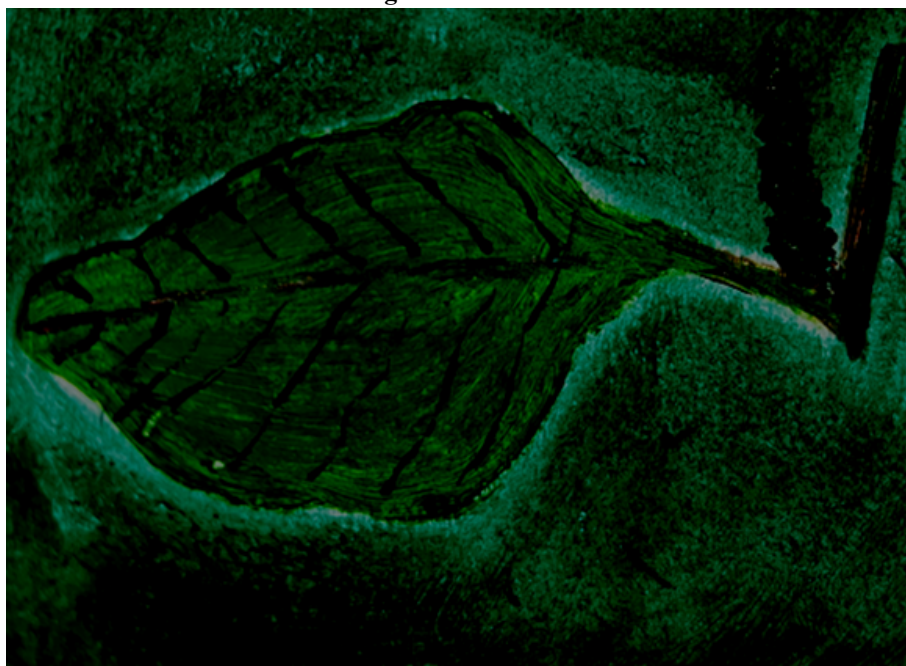


Figura 14- Espinafre

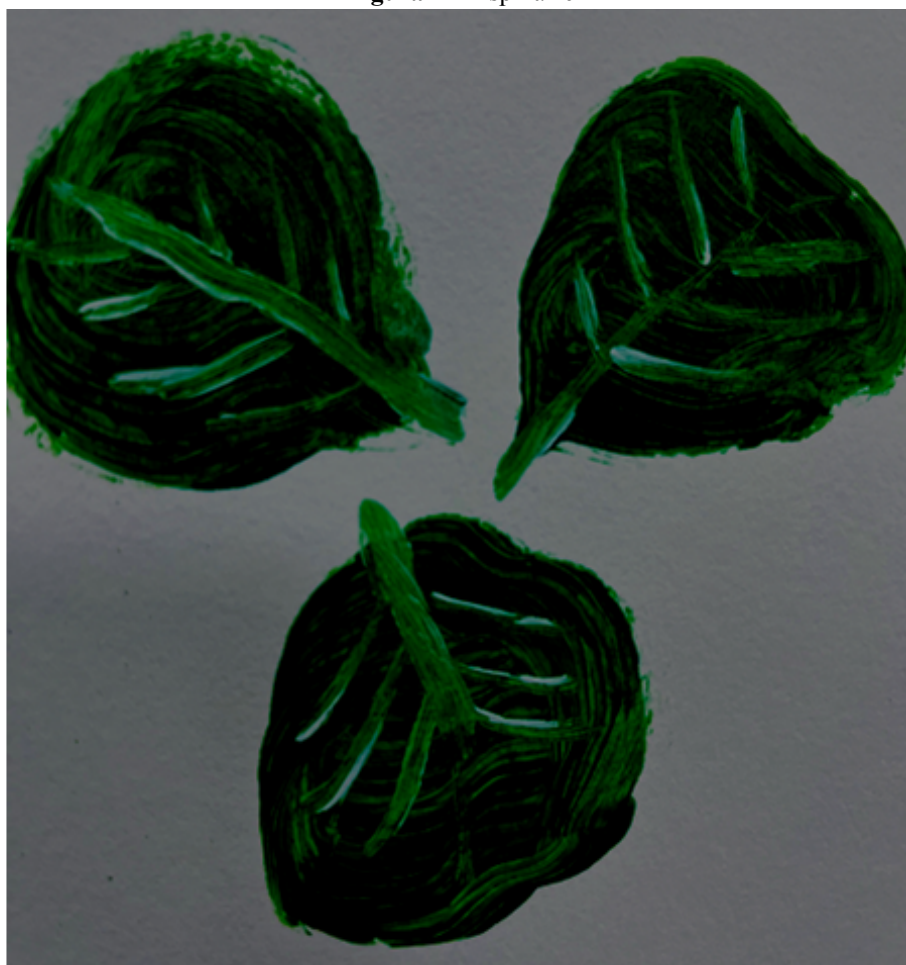


Figura 15 - Maxixe

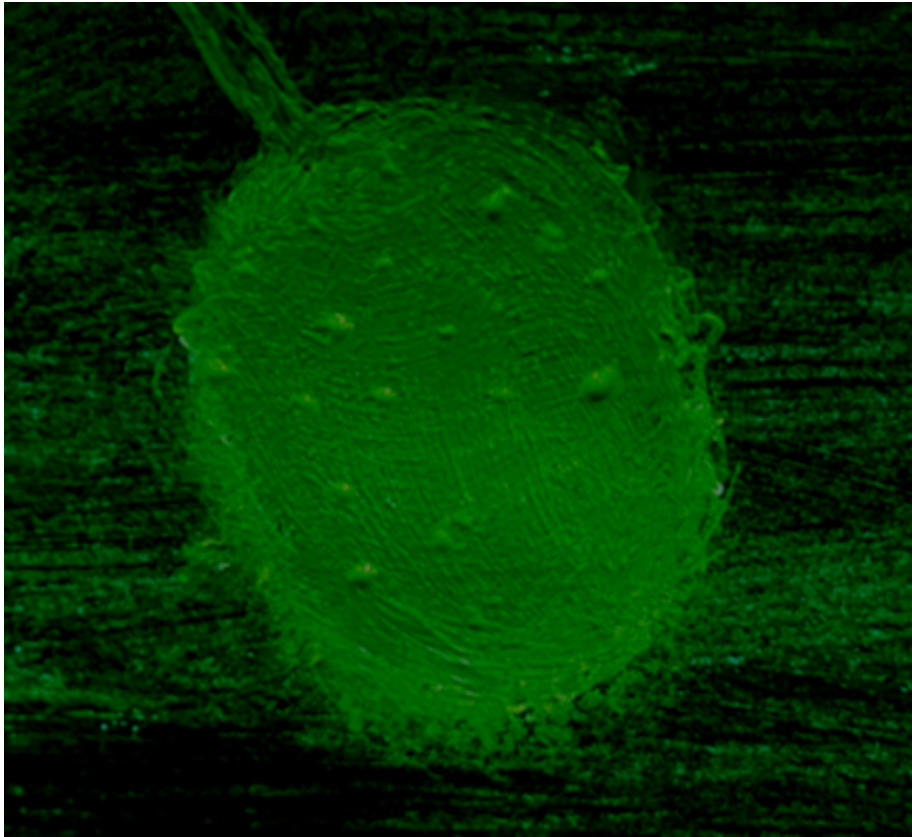
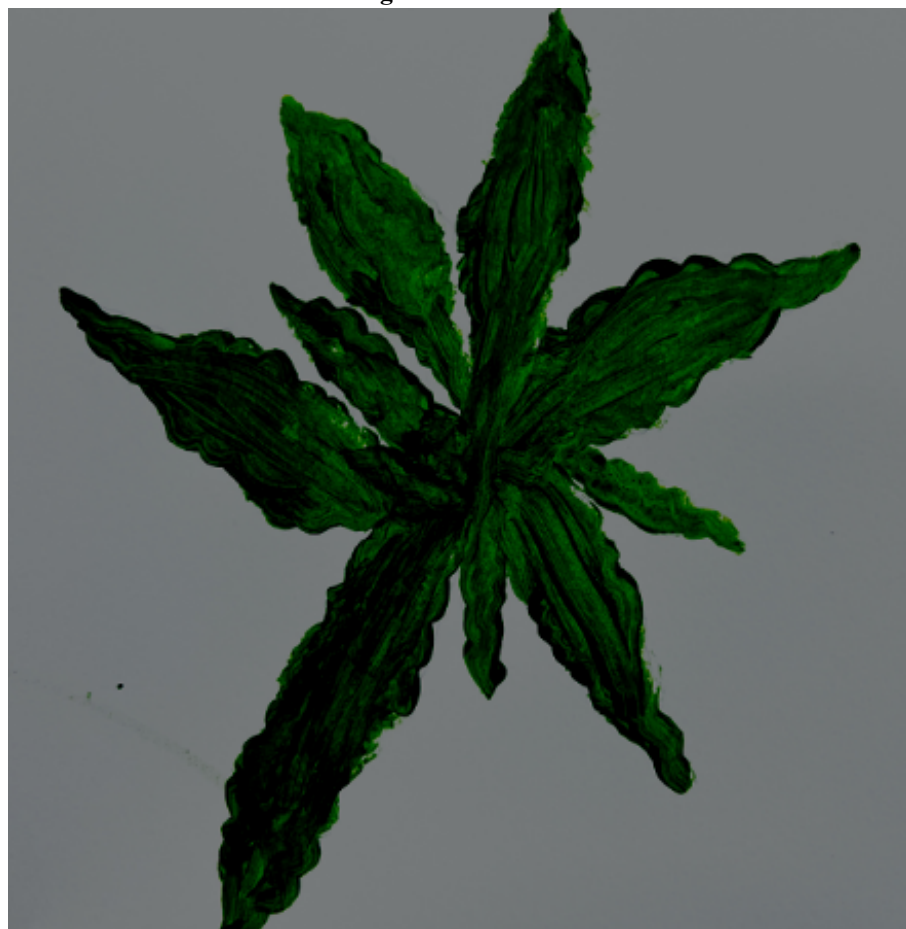


Figura 16 - Tabioba



Figura 17: Mastruz



Desenhos: Autora (2023)

3.2 Principais motivos do não uso atual das “plantas do passado”

No decorrer das entrevistas as participantes foram questionadas sobre o porquê das plantas não serem mais utilizadas hoje em dia. De acordo com a dona Bastiana, não se vê mais algumas plantas porque no próprio Mercado já vendem remédios prontos e não utilizam mais o caseiro. Por isso, não procuram mais a folha, procuram algo pronto, que não dá mais trabalho para fazer. Ela diz que são as pessoas mais antigas quem utilizam essas plantas, inclusive tiram de seus próprios quintais, quando mantêm o costume de plantar e cultivar.

De acordo com Brasil (2010), o cultivo e o consumo de hortaliças frescas estão diminuindo em diversas regiões do país, em áreas rurais e urbanas e entre todas as classes sociais, resultado da globalização e do crescente uso de alimentos industrializados, verificando-se mudanças significativas no padrão alimentar dos brasileiros e perdas de características culturais e identidade com o consumo de alimentos locais e regionais.

Para a dona Maria, as pessoas de agora não possuem conhecimentos sobre o uso dessas plantas, é do pessoal antigo. Dona Ferrúcia diz que hoje poucas famílias utilizam as plantas do passado porque a maioria consome comida industrializada, e quando faz algum prato é um assado de panela, um bife, um desfiado. No geral, um tipo de comida que não leva tanta verdura. Ela completa:

Antes as pessoas se preocupavam em fazer comida em casa, hoje dificilmente todos conseguem comer em casa. Comem no trabalho, na rua, e já é uma comida diferenciada, não é comida caseira que leva todas as verduras como cheiro-verde, couve [...] Então isso mudou muito a nossa vida.

A dona Alda diz que muitas das plantas são do tempo em que sua mãe e sua avó plantavam em seus quintais e não precisavam de tanto adubo. Enquanto a dona Regina afirma que quem procurava as plantas antigas eram os mais velhos, que ainda mandam os mais novos atrás, mas “muitos já partiram dessa para uma melhor”.

Em linhas gerais, no decorrer das entrevistas e das observações, foi possível constatar o quanto pode ser construída uma sabedoria de senso comum, com narrativa histórica, articulada com cultura, prática milenar, saberes repassados de geração à geração, mas que está sendo deixado de lado por conta do contexto atual que estamos inseridas, de globalização, agrotóxicos, comidas prontas, acessíveis, rápidas.

3.3 Os tipos de plantas comercializadas atualmente no Mercado 2000

Dona Bastiana, a primeira entrevistada, vende couve, alface (*Lactuca sativa*), cheiro-verde (*Petroselinum crispum*), jambu (*Acmella oleracea*), agrião (*Nasturtium officinale*), hortelã (*Mentha* spp.), cidreira (*Melissa officinalis*), capim cheiroso (*Cymbopogon citratus*). Dona Maria, a segunda entrevistada, vende as plantas japana branca (*Eupatorium ayapana* Vent.), japana roxa (*Eupatorium triplinerve* Vahl.), manjeriço (*Ocimum basilicum*), vick (*Mentha arvensis* L. var. *Piperascens* Holmes.), arruda (*Ruta graveolens*), babosa (*Aloe vera*), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.), corama, maripazinho (*Eleutherine plicata* Herb.).

Na banca da Dona Ferrúcia, ela mencionou: “a pimentinha de cheiro (*Capsicum chinense*) é o carro chefe da feira, como diz o caboclo”. Ela completa que hoje em dia pouca gente gosta de jerimum, por isso, ele foi substituído pela cenoura (*Daucus carota* L.), preferem também a batata (*Solanum tuberosum*). E vende bastante alface e cheiro-verde também.

Após passar pela banca da dona Ferrúcia, fui à banca da dona Alda, que vende quase de tudo: limão (*Citrus limonum* L.), laranja (*Citrus sinensis* L Osb.), tangerina (*Citrus reticulata*), mamão (*Carica papaya*), jerimum, acerola (*Malpighia emarginata*), goiaba (*Psidium guajava*) e melancia (*Citrullus lanatus*). Dona Alda também vende mudas, e diz que as mudas enxertadas do limão e laranja levam dois anos para dar fruta, mas se não for enxertada leva cinco anos. E ela completa dizendo que também utilizam as folhas da laranja para fazer chá para dor de estomago e as folhas do limão para curar a gripe. Enquanto isso, dona Regina, disse que vende as mesmas plantas que a mãe leva para feira, como alface, cheiro-verde, mastruz, couve, mavarisco, hortelanzinho e vick. Todas as espécies comercializadas estão identificadas na Tabela 5.

Tabela 5- As plantas comercializadas atualmente pelas vendedoras do Mercado 2000

Família botânica	Nome da Popular	Nome Científico
Amaranthaceae	Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>
Amaranthaceae	Acelga	<i>Brassica rappa</i>
Amaranthaceae	Espinafre	<i>Alternanthera sessilis</i>
Apiaceae	Cheiro-Verde	<i>Allium schoenoprasum e Petroselinum crispum</i>
Apiaceae	Cenoura	<i>Daucus crota L.</i>
Asphodelaceae	Babosa	<i>Sansevieria trifasciata</i> Bojer
Asteraceae	Alface	<i>Lactuca sativa</i>
Asteraceae	Japana Branca	<i>Eupatorium ayapana</i> Vent
Asteraceae	Japana Roxa	<i>Eupatorium triplinerve</i> Vahl
Asteraceae	Chicória Pompom	<i>Cichorium intybus</i>
Brassicaceae	Agrião	<i>Nasturtium officinale</i>
Brassicaceae	Agrião da água	<i>Nasturtium officinale</i>
Brassicaceae	Couve	<i>Brassica oleracea</i>
Brassicaceae	Rúcula	<i>Eruca vesicaria ssp. Sativa</i>
Caricaceae	Mamão	<i>Carica papaya</i>
Crassulaceae	Corama	<i>Kalanchoe pinnata</i> Lam.
Cucurbitaceae	Jerimum	<i>Cucurbita mochata</i>
Cucurbitaceae	Melancia	<i>Citrullus lanatus</i>
Iridaceae	Marupazinho	<i>Eleutherine plicata</i> Herb.
Lamiaceae	Hortelã	<i>Mentha</i> spp.
Lamiaceae	Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>
Lamiaceae	Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i>
Lamiaceae	Vick	<i>Mentha arvensis</i> L.var. <i>Piperascens</i> Holmes.
Lamiaceae	Hortelanzinho	<i>Mentha</i> spp.
Malpighiaceae	Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>
Malvaceae	Mavarisco	<i>Malvaviscus arboreus</i>

Monimiaceae	Boldo	<i>Peumus boldus</i>
Myrtaceae	Goiaba	<i>Psidium guajava</i>
Poaceae	Capim cheiroso	<i>Cymbopogon citratus</i>
Rutaceae	Limão	<i>Citrus limonum</i> L.
Rutaceae	Laranja	<i>Citrus sinensis</i> L Osb.
Rutaceae	Tangerina	<i>Citrus reticulata</i>
Rutáceas	Arruda	<i>Ruta graveolens</i>
Solanaceae	Batata	<i>Solanum tuberosum</i>
Solanaceae	Pimentinha de cheiro	<i>Capsicum chinense</i> Jacq.

Fonte: Ádyla Valente, 2022.

Machado e Kinupp (2022) realizaram um levantamento de plantas alimentícias, formas de preparo e diferenças entre padrões sociais no conhecimento botânico em comunidades tradicionais da região Amazônica, sendo categorizadas 105 formas de preparo, de acordo com os usos mencionados pelos participantes entrevistados. Estas formas de preparo foram agrupadas em 10 categorias de preparo: *in natura*, cozido, bebida, tempero, “vinho”, doce, fritura, assado, farinha e derivados, e óleo. Algumas das plantas utilizadas são a goiaba, banana, açaí, uixi, macaxeira, caju, cupuaçu, manga, hortelã, jambu e copaíba. Dessa maneira, algumas plantas citadas nesse estudo também coincidem com as comercializadas no Mercado 2000, em Santarém (PA).

Os autores também mencionam tipos de temperos que são utilizados e acrescentados nas panelas e pratos dos entrevistados. De acordo com Machado e Kinupp (2022), são principalmente sob esta forma que são consumidas as folhas de herbáceas como cebola-palha (*Allium fistulosum* L.), cheiro-verde (*Allium schoenoprasum* e *Petroselinum crispum*), chicória (*Eryngium foetidum* L.), cominho (*Pectis brevipedunculata* (Gardner) Sch.Bip.), couve (*Brassica oleracea* var. *acephala* L.), jambu (*Acmella ciliata* (Kunth) Cass.) e manjerição (*Ocimum basilicum* L.). Dentre os temperos também estão as diversas variedades de pimenta, o urucum (*Bixa orellana* L.). Desta maneira, fica evidente como as plantas são cultivadas e fornecidas para preparos de bebida, comidas, e farinhas, tornando-se importantes e comuns nas refeições.

3.4 As “plantas do passado” e as plantas comercializadas hoje no Mercado 2000 podem ser consideradas PANCS?

Após obter as informações de quais são as “plantas do passado” e quais são as plantas comercializadas atualmente, notei que grande parte das plantas citadas pelas vendedoras

poderiam se encaixar na categoria de PANCs. Através da Tabela 3, 4 e 5 e com complementação das referências de outros estudos que definem essas plantas como não-convencionais, observei que as PANCs não se encaixam para os contextos amazônicos, pois estas plantas fazem parte do nosso cotidiano há muito tempo.

Ranieri & Zanirato (2021) realizaram uma pesquisa quantitativa e qualitativa ocorrida entre 2016 e 2018 sobre o cultivo em quintais urbanos nos municípios de São José do Barreiro e Areias, nos entremeios da Serra da Bocaina, sub-região do médio Vale do Paraíba do Sul, e identificaram diversas plantas alimentícias consideradas não convencionais com ocorrência nos quintais, conforme moradores apontaram. Dentre essas plantas, estão caruru, cariru (*Maranthus spinosus* L.; *Amaranthus viridis* L.), taioba (*Xanthosoma taioba* E.G.Gonç.), ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata* Mill.), vick (*Mentha arvensis* L. var. *piperascens* Holmes), vinagreira (*Hibiscus acetosella* Welw. ex Hiern.), dentre outras. Destas plantas, a taioba também é citada por Brasil (2010), Paula Filho (2018) e Machado e Kinupp (2020).

Ainda segundo Ranieri & Zanirato (2021), foi destacado um total de 35 espécies consideradas não convencionais, que estão ausentes do grande mercado, sem possuir produção nem comercialização em larga escala, e cujas partes consumidas não constam na listagem de plantas comercializadas pelo Ceagesp (2020) sendo ainda, muitas vezes, não conhecidas pela comunidade.

Em sua pesquisa, Paula Filho (2018) fez um levantamento etnobotânico na Reserva Extrativista Rio Cajari (Amapá), entre dezembro de 2016 e março de 2017, por meio de entrevistas com os moradores utilizando questionário semi-estruturado. Foram entrevistados 56 informantes em 26 comunidades ao longo dos rios Muriacá, Cajari e Amazonas, e foram citadas 269 espécies de plantas, sendo 131 medicinais, 72 alimentícias e 66 utilizadas como medicinais e alimentícias ao mesmo tempo. Conforme a classificação botânica, as espécies ficaram distribuídas em 84 famílias e 198 gêneros, além de 13 espécies não identificadas.

Portanto, conhecer as relações históricas das mulheres que atuam no Mercado com as “plantas do passado”, as continuidades e rupturas no presente, evidenciando a coleta e o manuseio das mesmas, abrem caminhos dentro da Arqueologia para permitir a reflexão da simbologia que carregam sobre as “plantas do passado”.

CAPÍTULO 4

O Papel das Mulheres na Continuidade de Uso das “Plantas do Passado” em Santarém

“Dona Didita pegue a vassourinha,
santa medicina é a fé. Venha
menino, sorrir para o mundo desejo
profundo é crer em reza de mulher.
Mulher (mulher), mulher
(mulher)...”.

“Mulheres que benzem” Wander de
Andrade e Niltinho Moda, 2022.

A epígrafe acima faz parte da música “mulheres que benzem” de autoria de Wander de Andrade e Niltinho Moda, 2022, interpretada por Priscilla Castro, neste trecho podemos observar como a relação da mulher com a planta é bastante forte e presente no cotidiano, ajudando em vários preparos, inclusive na volta do sorriso da pessoa para o mundo. A proposta deste capítulo é refletir sobre essa força e a batalha diária demonstradas por meio da relação da simbologia e uso das “plantas do passado” entre as vendedoras do Mercado 2000, apontando como o gênero e a geração se relacionam com as plantas.

As mulheres ribeirinhas, da várzea e indígenas possuem uma grande coleção de conhecimentos relacionados ao manejo das plantas. Esse conhecimento e o uso do ambiente para fins alimentícios levaram muitos grupos ao desenvolvimento na Amazônia. Durante o levantamento bibliográfico da pesquisa e as conversas realizadas com as vendedoras no Mercado 2000, identifiquei que as mulheres são protagonistas e responsáveis pela coleta, manuseio e preparo de determinadas plantas, que ainda são utilizadas no presente.

As vendedoras são detentoras de um acervo de saberes relacionados à coleta, ao preparo, uso, consumo e venda das “plantas do passado”. As mulheres expressaram a importância simbólica e utilitária das “plantas do passado” no cotidiano e nos rituais de suas famílias e da população santarena. Para elas, a continuidade dos saberes e usos das “plantas do passado” é um ponto crucial, pois as mulheres atuam como principal detentora e mensageira do domínio fitocultural, que é transmitido desde as antigas gerações. As vendedoras aprenderam a cuidar das plantas desde crianças com as suas bisavós, avós e mães. Além de possuírem um rico repertório de saberes relacionados ao consumo cotidiano das plantas, as mulheres indígenas e ribeirinhas também expressam a importância simbólica das plantas nos rituais e narrativas históricas, inclusive por meios sobrenaturais.

4.1 Histórias de vida das vendedoras

Pedi para as vendedoras me dizerem há quanto tempo atuam trabalhando no Mercado e como foi para começarem. Dona Bastiana tem 77 anos de idade, trabalha há 40 anos no Mercado 2000, desde sua fundação. Nascida no município de Monte Alegre, mora em Santarém há 60 anos. Seu Zezinho, o seu pai, a criou em venda de verduras e foi repassando os conhecimentos. Um tempo depois, o pai de criação ganhou na loteria, comprou fazenda e investiu em posto de gasolina. Dona Bastiana estudou e se formou em enfermagem, mas nunca largou os seus conhecimentos tradicionais.

Figura 18 - Dona Bastiana, uma das interlocutoras da pesquisa



Fonte: Valente, 2023.

Dona Maria, nascida na colônia Bom Gosto, próximo do Mararu, trabalha no Mercado há aproximadamente 34 anos. Começou a vender plantas porque desde criança via sua mãe e avó cuidarem das plantas. Logo, ela a acompanhava no plantio e na coleta. Ela menciona que sua mãe gosta muito de planta parlamentar. E, assim, as plantas que vende vem da sua própria horta.

Figura 19- Dona Maria



Fonte: Valente, 2023.

Dona Ferrúcia, nascida no município de Almeirim, mudou-se para Santarém aos 14 anos e hoje tem 63. Veio para cidade estudar, e seus pais trabalhavam com plantas, foi com

eles que aprendeu a cuidar. Ela diz que faziam agricultura familiar, “onde planta um jerimum, cria uma galinha, um porco e vende para sobrevivência da família”.

Figura 20 - Dona Ferrúcia



Fonte: Valente, 2023.

Dona Alda, nascida em Santarém, começou a trabalhar no Mercado com o pai, aos 12 anos, somando 28 anos de trabalho com venda de plantas. Depois conheceu seu marido, e estão casados há 25 anos. Atualmente os dois trabalham com plantas e moram no planalto São José.

Figura 21 - Dona Alda



Fonte:Valente, 2023.

Dona Regina tem 35 anos, assim como Bastiana, nasceu em Monte Alegre e é filha de coração. As duas são muito famosas pela feira e pelo bairro da Matinha. Regina trabalha com plantas porque aprendeu com a sua mãe, e como sua mãe foi ficando com mais idade, foi ficando para ela a responsabilidade de plantar, coletar e também vender.

Figura 22 - Dona Regina



Fonte: Valente, 2023.

4.2 Tradição familiar no cultivo, no cuidado, na coleta, e na comercialização de plantas entre as vendedoras do Mercado 2000

A presença da mulher perante o saber e o manejar de plantas sempre esteve presente em nossas vidas como integrantes de famílias que possuem o repasse de conhecimentos em tópicos como culinária e medicina – entre outros – de uma maneira muito forte. Nós, mulheres amazônidas, aprendemos que nossas bisavós, avós e mães são grandes mestras e transmissoras em saberes diversos e, ao crescer, escutamos histórias de como elas ganharam esse conhecimento - que normalmente vinha de sua mãe ou familiar próximo, sendo geralmente mulheres.

De acordo com a arqueóloga e antropóloga Juliana Machado (2012), as principais atividades das mulheres em Caviana (ilha do Marajó-PA) são criar e cuidar. Quando fala-se em repasse de conhecimentos, tem-se a figura materna com responsabilidades de criação e manutenção, tanto das pessoas, quanto das plantas, como é o caso das mulheres de Caviana. No ato do dia a dia de coletar sementes, trocar mudas, plantas, colher frutos e alimentar parentes, as

mulheres estão cuidando das pessoas e garantindo suas alimentações, tendo, assim, responsabilidades como criação e manutenção de pessoas, objetos, animais e plantas (MACHADO, 2012).

Menezes (2016), em sua dissertação, exemplifica como as crianças Puruborá, da aldeia Aperoí (RO) são inseridas nas relações com as plantas paulatinamente. Elas aprendem a reconhecer espécies diferentes com os mais velhos, sendo pais e parentes. Os mais velhos não apenas transmitem seus conhecimentos a respeito das plantas, como também, narram histórias passadas, dos tempos anteriores à aldeia Aperoí. Ela completa:

As plantas são imprescindíveis na construção da memória do grupo, pois evocam histórias, lembranças e eventos passados. As castanheiras, por exemplo, eram abundantes no antigo território de ocupação Puruborá; sendo assim, sempre que os Puruborá as veem, eles resgatam algumas histórias passadas, referentes ao território tradicional.

Robert e colaboradoras (2012), explicam que as Mebêngôkre-Kayapó cultivam uma grande quantidade de plantas em espaços como as roças que ficam ao redor das aldeias e nos quintais. Diante disso, a floresta torna-se uma inspiração para a agrobiodiversidade, e as mulheres sentem orgulho da diversidade das plantas que cultivam. Por isso, as mulheres fazem questão de permanecer cuidando da roça, pois quanto mais extensa for a roça, mais bonita será, e muitos nomes poderão ser colocados nas plantas (ROBERT & COLABORADORAS, 2012).

Lima (2016), em sua tese de doutorado, explica que a expressão de uma mulher Krahô “brotou batata para mim” faz referência às plantas cultivadas, que expelem e são entregues para alguém que, no caso, são as mulheres. A autora enuncia que a batata torna-se visível para a mulher. Uma das mulheres afirma que se a batata brotar para uma mulher, ela poderá ser vista como uma “boa” mãe pela batata. (LIMA, 2016). Dessa maneira, através das plantas as mulheres vão construindo suas narrativas simbólicas e históricas. Maizza (2016), relata essas narrativas com o cuidar e seduzir no parentesco Jarawa. Segundo a autora, para os Jarawa, as almas das plantas saem de seus corpos e vivem socialmente em diferentes lugares dos cosmos, sendo as plantas almas dos sujeitos (MAIZZA, 2016).

O cultivo e a coleta de frutos, raízes, ervas e plantas medicinais, cuidados com os animais, com suas casas e com a água, são atividades que exigem um aguçado conhecimento do ecossistema onde vivem e das peculiaridades dos ciclos naturais. As mulheres aprendem isso com outras mulheres. Geralmente estão envolvidas com a agricultura, que, na várzea, se distingue por meio da alta vinculação ao ritmo das águas dos rios. Para Simonian (2001), em

estudos recentes da Amazônia, muito se tem falado sobre a importância das mulheres em processos de desenvolvimento. De certo, além do repertório de conhecimentos tradicionais, as mulheres também contribuem bastante para processos de produção social e biológica, como nos processos de produção agrícola, extrativista e artesanal. Segundo De Andrade (2012), as mulheres da várzea da Ilha do Baixo, Amazonas, são agricultoras e participam do cultivo das hortaliças, muitas têm canteiros suspensos com suas plantações de cebolinhas e alface, por exemplo, e serve para consumo e vendas.

Para a autora Sanchez (2013), os conhecimentos tradicionais das mulheres da Ilha do Baixo, na várzea do estado do Amazonas, são muito importantes, pois proporcionam a possibilidade de sobrevivência de muitos moradores do local. Segundo a autora, na época de cheia, quando as chuvas são incansáveis, o uso das plantas não deixa de ser comum. Os canteiros suspensos são muito úteis, pois as plantas medicinais fazem parte do dia-a-dia das famílias, que necessitam da colheita independente, por causa da sazonalidade existente na região. Diante disso, as mulheres estão presentes em processos que determinam a possibilidade de expansão humana e de plantas com suas capacidades de conhecer e utilizar variadas formas de vidas, em que o saber cultivar é preponderante para isto. Existindo, assim, uma vontade em repassar esses saberes para as gerações futuras.

Na Amazônia, existem narrativas de que algumas mulheres têm um certo tipo de “dom” na cura baseada em medicina tradicional com uso de plantas. Dona Lenil, moradora da enseada do Aritaperá, na várzea de Santarém (PA), desde muito nova trabalha com práticas tradicionais de cura, como benzer, puxar, rezar contra mau-olhado, quebranto, dentre outras coisas (SOUSA & SILVA, 2018). As mulheres geralmente não cobram por isso, apenas têm a intenção de ajudar um amigo, um parente, ou um vizinho. Construindo, dessa maneira, narrativas de que mulheres exercem um certo tipo de “dom” na cura baseada em medicina tradicional com uso de plantas e o diverso manejo que a figura feminina posteriormente pode ter e executar. Exemplos disso são os remédios tradicionais como as garrafadas, os chás, e os banhos, que ajudam na construção dessa narrativa.

Segundo Sousa & Silva (2018), para as benzedadeiras realizarem os ritos de cura, utilizam plantas medicinais. Entretanto, os usos dessas plantas não são restritos apenas a estas mulheres, todos os moradores da comunidade conhecem uma infinidade de ervas medicinais e métodos populares de tratamento de doenças (WAGLEY, 1997). Tais ervas são cultivadas dentro de seus próprios quintais, nas hortas suspensas, em suas casas, no chão e compartilham entre si. Além da utilização das plantas para fins medicinais, as mulheres também trabalham

em roçado. Dos Santos Silva, Gama & Oliveira (2016) ressaltam a importância das plantas medicinais para a comunidade, pois frequentemente usam remédios caseiros, por isso o conhecimento sobre as plantas é importante. A forma de preparo mais citada pelas senhoras mais velhas da comunidade é o chá feito a partir das folhas, e também de outras partes da planta. Algumas representações das formas de preparo são os xaropes, emplastos, banhos e compressas.

Na comunidade de Santa Luzia da Ilha de Baixo, localizada no Baixo Solimões, no município de Iranduba, Amazonas, as mulheres da várzea também têm práticas parecidas com as da várzea do Oeste do Pará. Bocchini (2013) cita que a região é conhecida por ser uma grande produtora de hortaliças. Porém, também já teve destaque pelas plantações de juta, milho, mandioca e feijão de praia. Diante disso, nota-se que o saber local também é um fator de sobrevivência na várzea.

Existem práticas tradicionais de cura, que são representadas por indígenas, quilombolas e ribeirinhos, por meio da utilização de plantas. Esses recursos são retirados da própria natureza, respeitando a mata e mostrando como funciona a relação de sobrevivência entre pessoas e a floresta. Segundo Machado (2012), para os ribeirinhos da Ilha Caviana, no delta Amazônico, a paisagem guarda a memória da relação entre o passado e o presente ribeirinho. A autora procura decifrar a paisagem por meio da relação entre plantas e pessoas. Através da seleção e plantio, as mulheres transformam os espaços que vivem, através das trocas das plantas e remédios entre parentes, vizinhos e amigos.

No decorrer das entrevistas com as vendedoras do Mercado 2000, verifiquei que existe uma tradição de família entre todas as mulheres que plantam, cultivam e coletam. Quando questionadas, elas mencionaram que aprenderam a usar as plantas e tiveram seu primeiro contato ainda na infância, quando viam suas mães e avós terem esse tipo de prática. Comumente, o aprendizado foi transmitido oralmente de pessoa a pessoa, ou seja, de mãe para filha, avó, para neta, e repassando o conhecimento de geração para geração.

Dona Maria menciona que desde criança seus filhos a acompanhavam, trabalhavam na horta, e sempre tiveram curiosidade e perguntavam pelas plantas, porque a via plantando. Ela disse que aprendeu a cuidar de planta com a sua mãe, que gosta muito de planta “parlamentar”, e ressalta que sua mãe e avó plantavam, coletavam e cultivavam as plantas. A partir deste exemplo, o modo como é transmitido o conhecimento sobre as plantas apoia uma relação de afeto entre a mulher-mãe e seus filhos, no esforço de repassar seus conhecimentos para as próximas gerações, demonstrando como existe tradição no repasse de conhecimentos.

Outro exemplo é o da dona Alda, que disse: “A minha avó e a minha mãe têm a tradição de coletar e plantar, elas sempre tiveram um monte de plantinhas e quando as pessoas ficavam doentes iam pegar no quintal delas”. Quando moravam no Aritapera, comunidade ribeirinha situada em região de várzea, sua avó plantava todo tipo de folha e quando alguém adoecia na comunidade, iam até a sua casa, pois sua avó era referência para curar. Dona Alda diz que ela benzia e ensinava. Algumas plantas que a sua avó utilizava eram elixir paregórico (*Ocimum seloi Benth*) e quina (*Cinchona*), uma plantinha que é utilizada para chá e cura da febre, segundo ela.

Dona Ferrúcia relata que quando sente dor faz chá de boldo, chá de folha de laranjeira, que é muito bom para gases e fígado. Perguntei com quem ela aprendeu a fazer esses chás, e respondeu: “Adquiri os conhecimentos com meus antepassados, com a minha avó, com a minha mãe. Quando uma criança gripava a gente não ia na farmácia não, fazia um ‘chá de cabeça’, como eles chamam, botava hortelã (*Mentha spicata*), folha de laranja, folha de peão (*Jatropha gossypifolia* L), urucum (*Bixa orellana*), e fazia ‘aquela’ xaropada, tomava um banho na criança, era rápido que ficava boa.” Para completar, dona Ferrúcia diz que ainda hoje faz o mesmo com os seus netos.

A figura materna é referência na manifestação de transmissão de conhecimentos. Dona Bastiana diz que repassou seus conhecimentos para a filha, assim ela toma conta da horta e vende em casa. A sua filha é a dona Regina, que diz que trabalha e cuida das plantas porque a sua mãe, dona Bastiana, repassou os conhecimentos para ela trabalhar, já que ela ficando mais velha. Pude observar que as mulheres exercem papéis hegemônicos na gestão dos recursos naturais devido a sua responsabilidade na provisão de alimentos para o sustento da família, mas a relação entre as mulheres e as plantas vai além disso.

Dona Bastiana me chamou para conhecer sua horta e me apresentou sua filha, a dona Regina. Neste processo de aprendizagem percebi que as mulheres não estão apenas vendendo as plantas como meras comerciantes, mas estão repassando seus conhecimentos. Abaixo estão imagens de dona Bastiana em sua horta com sua filha e recolhendo algumas plantas para as vendas do dia seguinte (figura 23).

Figura 23 - Dona Bastiana em sua horta



Fonte: Valente, 2023.

Vários estudos bibliográficos demonstram como o gênero feminino contribui para essa relação de poder no cultivo, manejo e plantação de plantas em muitas comunidades indígenas e ribeirinhas. Chernela (1986), por exemplo, em estudos realizados sobre o sistema de cultivo itinerante Tukano, constatou que as mulheres eram responsáveis pelo preparo das refeições da comunidade e seleção das variedades das plantas cultivadas. Adicionalmente, as mulheres Tukano possuíam papel vital no intercâmbio de uma diversidade impressionante de variedades das mandiocas entre diferentes aldeias Tukano e grupos regionais, contribuindo assim, para a manutenção da biodiversidade amazônica.

Em alguns estudos de mulheres das várzeas amazônicas, ficou evidente que as mesmas “têm logrado avançar em suas lutas por melhores condições de vida, através da melhoria de produtos extraídos da floresta e de sua comercialização e, mais recentemente, pela entrada na educação formal, que às vezes inclui a ambiental” (Simonian, 2001, p. 50). Variados estudos de autorias femininas e feministas (SIMONIAN, 2001; GAMA & BARBOZA 2022; MACHADO, 2012; MORIM DE LIMA, 2016; ROBERT, LÓPEZ GÁRCES, LAQUES & COELHO-FERREIRA, 2012; entre outras) vêm destacando o protagonismo das mulheres e demonstrando como o gênero feminino contribui para a relação de poder no cultivo, manejo e plantação de plantas em muitas comunidades indígenas e ribeirinhas. O cultivo e a coleta de

frutos, raízes, ervas e plantas medicinais, cuidados com os animais, com suas casas e com a água, são atividades que exigem um aguçado conhecimento do ecossistema onde vivem e das peculiaridades dos ciclos naturais. As mulheres aprendem isso com outras mulheres. Geralmente estão envolvidas com a agricultura, que, na várzea, se distingue por meio da alta vinculação ao ritmo das águas dos rios.

Simonian (2001), diz que pelo conhecimento que as mulheres têm da várzea, elas contribuem como usuárias e como gestoras de todo um sistema de biodiversidade e agroecologia. Gama & Barboza (2022) mencionam o papel das mulheres no cultivo e uso de plantas e as formas de aprendizagem na várzea de Ipiranga (Prainha-PA). Desde muito novas as mulheres passam a ter contato com as plantas, pois são as responsáveis pelo preparo de fitoterápicos para cuidados de toda a família. Quando o pescador fica panema, quem realiza o preparo do remédio é sua esposa. Portanto, as mulheres dominam um amplo repertório de conhecimentos sobre as propriedades das plantas e o jeito adequado de prepará-las, como nos rituais de cura, por exemplo.

Para além do rico repertório de conhecimentos quanto ao uso, preparo e manejo das plantas, as mulheres indígenas, também atuam na regulação da coexistência indígena com o território e seus constituintes, como seres encantados, animais e plantas, conforme defendem Barboza e colaboradores (2019). Estes autores propõem o conceito de “coporterritorialização”, pois argumentam que a territorialização entre os indígenas Katukina se constitui como um processo corporal em que corpos e fluidos femininos contagiam e direcionam a relação indígena-território. Sendo assim, os corpos e saberes femininos são potenciais agentes na mobilidade e uso do território, inclusive no manuseio e manejo das plantas.

Guimarães (2016) em sua dissertação de mestrado sobre plantas úteis em comunidades urbanas, realizou uma pesquisa e evidenciou que as mulheres são mais especialistas nas diversidades de espécies conhecidas, do que os homens. Quando questionadas, as mulheres são mais familiarizadas com o ato de identificar, nomear e descrever o uso destinado das espécies de plantas em seu ambiente, assumindo um papel fundamental na manutenção do conhecimento e no uso dos recursos vegetais. É muito comum que populações rurais na Amazônia, especialmente os ribeirinhos ou caboclos que vivem na grande região de várzea, mudarem-se frequentemente (Pinedo-Vasquez et al., 2008). No caso das mulheres do Mercado 2000, todas vieram de comunidades e trouxeram seus conhecimentos para a cidade. Entretanto, além de comercializar as plantas, elas mantiveram seus conhecimentos e gostos

vivos, por meio de memórias afetivas e lembranças. Pinedo-Vasquez & colaboradores (2008) dão exemplo de famílias residentes nas favelas ou periferias de Macapá, em Belém e em outros centros urbanos que ainda mantêm laços e a compartilham gostos com o mundo circundante da zona rural, como a utilização do açaí nas suas refeições.

Quando se pergunta de onde vem o conhecimento das plantas, as mulheres alegam que são passadas de geração em geração. O contato com as plantas vêm da agricultura de subsistência da avó, da mãe ou do pai. Mostrando, assim, que elas exercem atividades que não estão ligadas apenas com a terra, mas também existem trocas afetivas com a família e existem trocas comerciais, na venda de uma verdura ou fruta. Além disso, diante dos relatos, fica evidente como o gênero e a tradição são fatores determinantes, que influenciam no saber local, no saber de recursos vegetais, e que contribuem para a comunidade se relacionar com a natureza e repassar seus conhecimentos e culturas.

4.3 Restrições para as mulheres durante a coleta e o preparo da planta

Perguntei às mulheres se existe algum tipo de restrição durante a coleta e preparo das plantas, como por exemplo, a mulher não poder pegar nas plantas por estar menstruada, amamentando, ou com cirurgia. Trouxe esse questionamento porque na Amazônia, dentro das atividades de caça e pesca, é muito comum ter restrições relacionadas a “panema”, que é utilizada em referência a má sorte dentro da caça e pesca. Um dos motivos para deixar um homem “panema” é sua esposa estar menstruada e ficar por perto durante manuseio dos apetrechos ou acompanhamento das atividades de caça ou pesca.

Segundo Turner (1974), para evitar o “panema”, um dos cuidados primordiais é evitar o sangue. Diante disso, se uma mulher menstruada pegar nos instrumentos de caça e pesca ou passar por cima, isso pode causar o “estado panema”. De acordo com o autor, o “panema” quando ligado à presença da mulher, ficou de tal maneira por causa da sua relação com a mesma estando grávida ou menstruada, entrando num estágio que pode ser considerado como de liminaridade, ou seja, estágios intermediários.

No texto “O arco e o cesto e Etnotaxonomia dos animais caçados e capturados”, Clastres (2012), explica como é dividida e organizada a vida cotidiana dos guaiáqui, sendo por gênero, tarefas que só mulheres fazem e tarefas que só homens fazem. Um outro detalhe importante na cultura dos guaiáqui é que nunca dividem o mesmo espaço para realizar um trabalho igualmente. Um exemplo é a agricultura, que por mais que seja uma tarefa

feminina e masculina, sendo as mulheres que semeiam, limpam os campos e colhem legumes e cereais e os homens que preparam os lugares de plantações derrubando árvores e queimando a vegetação seca, os trabalhos não são em coletivo e não se misturam.

Quando questionei às vendedoras do Mercado se haviam restrições, dona Alda disse que as restrições são para mulheres menstruadas não chegarem próximo das águas, nem pegar as plantas. Dona Maria diz que quando a mulher está menstruada, não adianta pegar nas plantas, e usa sua filha como exemplo quando pede arruda para banho. A filha diz: “Não, mãe, estou menstruada e não vai adiantar, não vai servir, vai quebrar as forças”.

Dona Maria explica que o problema de estar menstruada é porque quebra as forças de descarrego. Para dona Ferrúcia, no período da menstruação as mulheres não podem ir para a horta. Ela diz que traz consigo o costume dos antigos, que é não sair no sol quente, não sair de casa, não andar descalça, e não passar na frente do igarapé. E completa dizendo: “Eu cultivo isso com as minhas filhas e com a minha neta mais velhas. Ficou menstruada, fica em casa!”.

4.4 Os donos das plantas comercializadas

Na Amazônia existe a simbologia de seres encantados. No artigo “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio, Viveiro de Castro (1996), relata que o perspectivismo ameríndio trata-se de uma concepção em que o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e/ou não humanas. Sendo assim, para o perspectivismo, os animais são gente ou se enxergam como gente. Esta condição está associada a ideia de que a forma manifesta a cada espécie como um envelope ou uma “roupa” a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos seres transespecíficos, como os xamãs.

Para o indígena Yanomami Davi Kopenawa, os espíritos que habitam no seu corpo são de vespas kopena. Eles descem, habitam o corpo e o protegem. O nome Kopenawa vem dos espíritos vespas que beberam o sangue derramado por *Arowë*, um grande guerreiro do primeiro tempo. As suas imagens desceram e deu a Davi Kopenawa um sopro da vida (Kopenawa & Albert, 2019). Através disso, o xamã tem capacidade de comunicação com outros seres de vida e a sua roupa é um instrumento de personificação.

Silva e Jérôme (2019), pensam nas paisagens amazônicas como espaços em que as relações entre os humanos e não-humanos estão em comunidades ribeirinhas e suas paisagens culturais, como o rio, os lagos, os igarapés e a mata. Através de relatos de moradores locais,

que relacionam-se com o rio e floresta, há uma formação de sentidos dentro de uma perspectiva mística, como os autores narram no relato do pescador artesanal Ernesto:

Pescador artesanal Ernesto, aparentando 50 anos, contou-me que sua mãe desaparecera há muitos anos atrás, na própria comunidade. Conta ele que ela estava pescando no fim da tarde no lago da comunidade, próximo ao rio. No cair da noite, sentiram falta da pescadora, então alguns moradores foram ao lago em busca dela. Ela não estava. Começou um alvoroço na comunidade. No dia seguinte, sem o retorno da pescadora, alguns militares do corpo de bombeiros foram ao vilarejo para fazer o trabalho de resgate. Não encontraram vestígio da pescadora. Acredita-se, na comunidade, que a pescadora tenha desaparecido nas águas escuras do lago. Outros acreditam, ainda, que ela tornou-se um encantado, ou seja, ela passou a viver numa outra dimensão, no mundo dos seres das águas. Ernesto contou-me que recebe a visita da mãe através dos sonhos. Diz que ela aparece como uma serpente encantada, conversa com ele mentalmente.

Diante de exemplos como estes dados às vendedoras, indaguei se as mesmas acham que as plantas têm donos, se devemos pedir permissão para entrar na mata, se devemos pedir permissão para coletar, cultivar ou usar as plantas. E quais seriam os procedimentos. Para a dona Maria, que assim, como dona Bastiana, também repassou seus saberes para a filha, diz que às vezes pede arruda (*Ruta graveolens*), para fazer banho, mas ela está menstruada e responde: “não, mãe, estou menstruada e não vai adiantar, não vai servir, vai quebrar as forças”. Ela me explica que o problema é estar menstruada, porque quebra as forças de descarrego.

Perguntei se ela acha que existem seres encantados por trás das plantas. Ela me disse que pessoal diz que existe, e que para quem acredita, tem que pedir permissão para a pessoa que tem o dom. No final, diz que a sua filha tem o dom, mas não gosta muito que ela diga, mas é de nascença, pois a minha avó também era. Dona Maria, com todo orgulho diz que sua filha quem cuida das plantas, abre carta, e tem mesa. E completa: “A minha avó era ‘sacaca’, nasceu com o dom, não ensinou nada para ninguém. A minha irmã puxa e benze.”

Dona Alda disse que seu pai tinha restrições com plantas que são ornamentais, como a comigo ninguém pode (*Dieffenbachia seguine*) e a espada-de-são-jorge (*Dracaena trifasciata*). Também mencionou que desde pequena escuta que não pode chegar perto de igarapé estando menstruada, pois existe o boto. E, para completar, disse que sua avó a ensinou a usar alho para proteção quando estivesse menstruada e fosse para perto da água.

Enquanto isso, dona Ferrúcia não acha que planta tem dono, mas conhece quem acha, diz uma amiga fala que as plantas têm sentimentos. E, para dona Regina, tem gente que tem a mão boa, e tem gente que não tem a mão boa. Para ela, planta é assim, “a pimenta (*Capsicum*) é assim, se você não souber tirar, ela morre, depende da mão, porque tem gente que não sabe

pegar”. No entanto, ela comenta que durante a venda, às vezes ela autoriza pegar, não tem muito o que fazer, porque as pessoas querem pegar para poder levar a planta.

4.5 Percepção da atual geração sobre as “plantas do passado”

As mulheres estão presentes em processos que determinam a possibilidade de expansão humana e de plantas com suas capacidades de conhecer e utilizar variadas formas de vidas, em que o saber cultivar é preponderante para isto. Durante as entrevistas foi destacado como são construídas relações importantes entre plantas e mulheres. Muitos recursos vegetais são percebidos, apropriados e repassados por uma transmissão de conhecimentos de saberes tradicionais; de uma mulher aprende com sua avó, que aprendeu com a sua avó e passará futuramente para sua neta.

Perante esse repasse, perguntei às vendedoras como a atual geração, ou seja, os mais jovens, percebem essas plantas do passado e se compreendem esses saberes, sabendo como usar. Para dona Bastiana, eles entendem bem pouco, ela diz:

Muitos jovens não estão nem aí, querem saber mais da medicina, e é a medicina que querem levar pra frente, o mais “atrasado” não. A gente chega em casa e fala: “Fulano, faz um chá de tal coisa”, aí responde: “Eu lá vou fazer chá de pau”. Naquele tempo antigo não, a pessoa fazia chá de cidreira, por exemplo, e dava certo, porque a pessoa confiava e tinha fé naquilo. É muito diferente porque as pessoas agora querem coisas práticas.

Enquanto isso, dona Alda diz que a atual geração não quer saber de folha, só quer saber de “remédio de farmácia”. Ela completa: “Lá em casa eu falo pra menina, ‘menina, pega essa planta alfavaca (*Ocimum basilicum*) pra dor’ e pensa que ela faz? Que nada, quer remédio de farmácia, que a caixa custa R\$50,00”. Perguntei a ela para que a alfavaca servia, e ela disse: que serve para cólica. A mãe dela faz banho de alfavaca, usa a folha do boldo para dor no estômago e retira tudo do seu quintal, que ela mesma planta. Ela quem ensinou.

A alfavaca serve para a cólica, aprendi isso com a minha mãe, que faz banho de alfavaca, assim como usa a folha do boldo para dor no estômago e retira tudo do seu quintal, que ela mesma planta. Foi ela quem me ensinou aqui tudo isso, e eu até tento ensinar para a minha menina.

Para a dona Maria, “os jovens de hoje em dia não estão nem aí para nada”. Ela acha que não há interesse dos jovens em aprender sobre os saberes das plantas. No entanto, diz que com os seus filhos não é assim. Ela completa:

Quando os meus filhos eram novos e estudavam, me perguntavam para que serviam as plantas medicinais. Desde de criança eles me viam trabalhar, me acompanhavam e também cuidavam da horta. Hoje em dia os meus filhos plantam e eu vendo, mais a minha filha quem planta e toma conta da horta para eu vender.

Dona Ferrúcia diz que a atual geração não entende e não sabe como usar as plantas. Ela explica que a maioria das famílias prefere coisa mais fácil, “se a criança gripa, vai logo ao médico e ‘taca’ um monte de antibiótico naquela criança”. Dessa maneira, o organismo da cria já vai ficando mais fraco, mais debilitado, então qualquer doença afeta aquela criança. E completa: “Olha, eu não sei quando levei um neto meu no médico doente não. Levo para fazer exame de rotina, mas doente não”.

Tratando-se do desinteresse da geração mais jovens sobre conhecimentos tradicionais, a autora Costa (2020) relata como escolas inseridas em contextos quilombolas passam por desafios que vão além de um projeto político pedagógico, pois para a atual geração adaptar-se às mudanças significa passar por um processo histórico multifatorial, envolvendo a atuação na região de forças econômicas, políticas públicas e ambientais, entre outros fatores.

Basso, Locatelli, & da Rosa (2021) citam que as pessoas são detentoras de saberes populares e de conhecimentos tradicionais. Por este motivo, é comum falarem a respeito do que sabem, pois sentem-se confortável, logo, a principal maneira de se obter esses conhecimentos é por meio da troca de experiências com os mais velhos e através de longas conversas. No entanto, esses valiosos conhecimentos correm o risco de desaparecer, pois novas tecnologias estão ganhando mais espaço e tomando conta do patrimônio genético brasileiro, como é o caso da indústria farmacêutica, que extrai matéria prima das florestas para utilizá-las na fabricação de medicamentos, cosméticos e outros (CHASSOT, 2001). Sendo assim, como dona Alda cita, para sua filha é melhor gastar 50 reais em remédios prontos, do que em chá que cure sua cólica, pois os mais novos dão valor ao que está pronto e para o que a ciência ampara.

Diante disso, ficou notório pelas falas das mulheres que são as detentoras desses conhecimentos, como existe uma vontade em repassar esses saberes para as gerações futuras, mesmo que haja um desinteresse da parte. Um fato que vale salientar é que desde crianças, aprendemos que nossas bisavós, avós e mães são grandes mestras e transmissoras em saberes diversos, e ao crescer sempre escutamos histórias de como elas ganharam esse conhecimento – que normalmente, vinha de sua mãe ou familiar próximo, sendo geralmente mulheres. Continuar repassando esses conhecimentos é permitir que as narrativas históricas, simbólicas e de luta dessas mulheres que fazem parte das nossas vidas não sejam apagadas,

pois o papel da mulher dentro desse contexto é um grande estimulador de como o gênero pode influenciar quando estamos falando de divisões dentro da sociedade, e de funções muito importantes, que merecem destaques.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação das mulheres com as plantas teve uma importância gigantesca para mim. Pude, assim, demonstrar os meus percalços dentro do curso de Arqueologia. A composição do trabalho de forma mais fluída refletiu sobre como gosto de me comunicar e demonstrar a maneira que fui ocupando esses espaços dentro da academia e trazendo questões de gênero de forma pertinente para a minha vida e para tudo que faço, pois precisamos ser ouvidas, lidas, sentidas e enxergadas. Dessa maneira, quis apontar no segundo capítulo como os navegantes naturalistas não manifestavam, através de seus textos, a importância das mulheres. Não havia interesse em relatar onde estavam, o que faziam, como ajudavam. Em vista disso, desde muito tempo as mulheres são esquecidas e silenciadas.

Ademais, muitas plantas e frutas que consumimos já eram evidenciadas, provavelmente pelas mulheres que não são citadas – ou raramente são, e que atualmente são consideradas na academia como PANCs. Este termo categoriza plantas que não têm cadeia produtiva (KINUPP 2008) e categorizam plantas que não têm cadeia produtiva. Entretanto, meu estudo demonstra que muitas das plantas consideradas como PANC são plantas comercializadas atualmente no principal mercado público de Santarém e que algumas delas tinham uso no passado recente.

O termo entrou na moda, como se as plantas utilizadas por certos grupos da sociedade, tida como exóticas, de repente passassem a ser visualizadas e utilizadas, principalmente em contextos de decoração de pratos refinados em restaurantes famosos. No entanto, parte dessas plantas consideradas PANC há muito tempo já serviam para alimentações de comunidades tradicionais, sendo até hoje utilizadas diariamente por diferentes grupos de áreas rurais e urbanas de Santarém. No entanto, este conceito traz importância política, principalmente para outras regiões do país, ligadas ao eixo Sul.

Diante disso, meu trabalho com viés da Arqueologia, ciência muito importante que olha para o passado para explicar contextos do presente e vice-versa, demonstra que relacionar passado e presente pode auxiliar as ciências compreenderem dinâmicas múltiplas de uso e significados das plantas na Amazônia. No meu caso, não consegui encontrar um termo local específico que contemplasse as plantas utilizadas no passado. Todavia, buscando outros termos, constatei que PANC não se enquadra ao meu estudo de caso e reflito se as

categorias acadêmicas podem mascarar contextos regionais, principalmente aqueles distantes do eixo sul do país.

Em relação à atuação das mulheres, no meu terceiro capítulo apresentei um cenário que é ocupado por mulheres, no caso, relacionado à comercialização de plantas do Mercado 2000. Durante entrevistas realizadas com as mulheres do Mercado 2000, a categoria de plantas não-convencionais não foi reconhecida pelas vendedoras. Para elas, as plantas são convencionais, utilizadas no preparo do almoço e no jantar, e também no chá para dor. Também debato se as “plantas do passado” e as plantas comercializadas hoje no Mercado 2000 podem ser consideradas PANCs. Apesar do termo PANC ter um papel político das PANCs, elas foram pensadas para região sul e na região Amazônica é outro contexto. Por isso, a categoria de “plantas do passado”, por enquanto, é uma opção melhor a se referir a essas plantas. Dessa maneira, trago a reflexão no meu estudo.

No quarto capítulo, expus como as mulheres constroem uma simbologia histórica e repassam para as futuras gerações, assim como aprenderam com suas avós e mães. Neste capítulo ficou evidente como é importante e crucial as relações históricas das mulheres que atuam no Mercado 2000 com as plantas do passado, evidenciando as trocas, a coleta e o manuseio das mesmas. Além disso, também foi abordada a influência do gênero na transmissão de conhecimentos das plantas, demonstrando a importância das mulheres nas pesquisas acadêmicas e como seus conhecimentos acerca das plantas são muito imprescindíveis dentro de processos de mudança de paisagens, cultura familiar e simbologia da narrativa.

Diante disso, finalizo minha pesquisa retratando as referências de conhecimentos dessas mulheres que nos permitem refletir relativamente a simbologia histórica que carregam ao falarem das plantas que comercializam. Abraço a importância das relações que construí e tudo que vivi diante do contato que tive com as mulheres do Mercado 2000. Portanto, a necessidade de aprofundar ainda mais nessa temática pode trazer um debate cada vez mais abundante sobre essas categorias e sob os olhares colonizadores, que nos são colocados desde muito tempo. Por fim, espero que consigamos ressignificar esses olhares e ampliar o debate atento ao passado, ainda que recente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZANIA, A. A. P. M. et al. Interferência da palha de cana-de-açúcar (*Saccharum spp.*) na emergência de espécies de plantas daninhas da família Convolvulaceae. **Planta daninha**, v. 20, p. 207-212, 2002.
- AZEVEDO, Paulo Furquim de; FAULIN, Evandro Jacóia. Comercialização na agricultura familiar. **Gestão integrada da agricultura familiar**. São Carlos: Edufscar, 2005.
- BADKE, Marcio Rossato et al. Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 21, p. 363-370, 2012.
- BALÉE, William. O Programa de Pesquisa da Ecologia Histórica. **Cadernos do LEPAARQ. Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, p. 180-212, 2017.
- BARBOZA, Myrian Sá Leitão; TUKANO, Larissa Duarte Ye'padiho; WAIWAI, Jaime Xamen. “Corpoterritorialização” Katukina: lampejos etnográficos sob as perspectivas femininas indígenas. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 11, n. 2, 2019.
- BASS, Andréa et al. Plantas Alimentícias Não Convencionais-PANC: resgatando a soberania alimentar e nutricional. 2020.
- BASSO, Eloisa; LOCATELLI, Aline; DA ROSA, Cleci Teresinha Werner. O ensino de Ciências com base no conhecimento tradicional sobre plantas medicinais. Amazônia: **Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 17, n. 39, p. 234-252, 2021.
- BAILEY, K. *Methods of social research*. 4.ed. New York: **The Free Press**, 1994.
- BATES, Henry Walter. *O naturalista do rio Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 2 v. (Brasiliana, 237). *The naturalist on the river Amazons: a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel*. London : **John Murray**, 1863. 2 v.
- CARDOSO, A. M. A; VIEIRA, T. A. Práticas de redução do desperdício de alimentos: o caso de um projeto social em Santarém, Pará. **Multítemas**, p. 137-156, 2019.
- CARVAJAL, Fray G. de. *Relación del Descubrimiento del Río de las Amazonas*. **Edición y notas de Nieves Pinillos Iglesias, realizada para Babelia**, Madrid, 2011.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, p. 115-144, 1996.

CHAGAS, Jolemia Cristina Nascimento das et al. Os sistemas produtivos de plantas medicinais, aromáticas e condimentares nas comunidades São Francisco, Careiro da Várzea e Santa Luzia do Baixo em Iranduba no Amazonas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 9, n. 1, p. 111-121, 2014.

CHERNELA, Janet M. Os cultivares de mandioca na área do Uaupés (Tukâno). **Suma etnológica brasileira**, v. 1, p. 151-158, 1986.

CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. **repositorio.ufsc.br**, 2012.

CROCHEMORE, Maria Lúcia; MOLINARI, Hugo Bruno; STENZEL, Neusa Maria Colauto. Caracterização agromorfológica do maracujazeiro (*Passiflora* spp.). **Revista Brasileira de Fruticultura**, v. 25, p. 5-10, 2003.

CROSBY, Alfred W. **The Columbian exchange: biological and cultural consequences of 1492**. Greenwood Publishing Group, 2003.

COSTA, Manoela Olegário da. **Conhecimento tradicional e ensino formal: desafios educacionais entre quilombolas no Vale do Ribeira (SP)**. 2020.

DE ANDRADE, Cleonice Oliveira. Mulheres da várzea, uma análise da participação das mulheres no processo produtivo da Ilha do Baixo. **Manaus: Universidade Federal do Amazonas**, 2012.

DE ARAUJO ROCHA, Keli et al. PANC'S na Serra do Japi. *Ágora*. Santa Cruz do Sul, v.19, n. 01, p. 113-120, jan./jun. 2017.

DE LANGE, Anton; BOUMAN, Ferdinand. Seed micromorphology of neotropical begonias. **Smithsonian contributions to botany**, 1999.

DOS SANTOS, S; GAMA, J. P; DE OLIVEIRA, P. C. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade de várzea Igarapé do Costa, Santarém–Pará, Brasil. **Ambiente y Sostenibilidad**, p. 136-151, 2016.

EMBRAPA. Reunião Anual da Sociedade InterAmericana de Horticultura Tropical (61. : 2015: Manaus, AM). **[Anais]** / LXI Reunião Anual da Sociedade InterAmericana de Horticultura Tropical. – Brasília, DF, 2015.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, 1783-1792. 1800., 1939

FLORENCE, Hercules. 32. VIAGEM FLUVIAL DO TIETÊ AO AMAZONAS DE 1825 à 1829. 2007.

FURQUIM, Laura. A floresta é um livro aberto. **Verdejar ante a ruína: escritos para cultivar novos mundos**, Verdejar ante a ruína [livro eletrônico] : escritos para cultivar novos mundos / orgs. Anai Graciela Vera Britos, Bianca Barbosa Chizzolini, Rafaela Coelho de Moraes Pitombo. -- São Paulo : Anai Graciela Vera Britos, 2021.

FURQUIM, Laura Pereira; JÁCOME, Camila Pereira. Teorias de gênero e feminismos na arqueologia brasileira: do dimorfismo sexual à primavera queer. **Revista Arqueologia Pública**, v. 13, n. 1 [22], p. 255-279, 2019.

GAMA, G. S. D; BARBOZA, M. S. L. "Remédios Pra Panemice": Papel das mulheres nos rituais de cura da Panemice entre pescadores de Pirarucu da comunidade Ipiranga (Prainha-Pa). **Universidade Federal do Oeste do Pará**. 2022.

GARCIA, Uirá F. O funeral do caçador: caça e perigo na Amazônia. **Anuário Antropológico**, v. 37, n. 2, p. 33-55, 2012.

GUIMARÃES, M. F. M. Plantas úteis em comunidades urbanas: a importância das espécies exóticas e do gênero na manutenção do conhecimento e uso dos recursos vegetais. **repositorio.ufop.br**. 2016.

G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarém-região/notícia/mercado-2000-principal-centro-de-abastecimento-do-baixo-amazonas.ghtml>. Mercado 2000: Principal centro de abastecimento do Baixo Amazonas. Portal do G1 Santarém- PA,

HOLANDA, R. O.; RODRIGUES, M. E.; SANTOS, A. G. P. Gerenciamento dos resíduos sólidos na Feira do Mercado 2.000, em Santarém-PA. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 8., Campo Grande, MS Anais [...]**. 2017, p. 1-4.

JACQUES, E. L., & Mamede, M. C. H. Notas nomenclaturais em Begonia L. (Begoniaceae). *Brazilian Journal of Botany*, 28(3), 579–588, (2005). <https://doi.org/10.1590/S0100-84042005000300014>

JANA FIGARELLA. O melhor de Santarém é nossa gente. Santarém: 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xSXbhi0z_uU. Acesso em 05 de abril. 2023

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PAN’C) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: **Ed. Plantarum**, 768p. 2014.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Teores de proteína e minerais de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, v. 28, n. 4, p. 846-857, 2008.

KÖHLER, M.; BRACK, Paulo. Frutas nativas no Rio Grande do Sul: cultivando e valorizando a diversidade. **Revista Agriculturas**, v. 13, n. 2, 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. **Editora Companhia das Letras**, 2019.

LIMA, Ana Gabriela Morim de. “Brotou batata para mim” Cultivo, gênero e ritual entre os Krahô (TO, Brasil). Tese de Doutorado, **Universidade Federal do Rio de Janeiro**, 2017.

LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. *Interações (Campo Grande)*, v. 17, p. 66-76, 2016.

LOURENÇO, Ana Raquel de Lima; BARBOSA, Maria Regina de Vasconcellos. Myrtaceae em restingas no limite norte de distribuição da Mata Atlântica, Brasil. **Rodriguésia**, v. 63, p. 373-393, 2012.

MACHADO, Clara de Carvalho; KINUPP, Valdely Ferreira. Plantas alimentícias na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Piagaçu-Purus, Amazônia Central. **Rodriguésia**, v. 71, 2020.

MACHADO, Juliana Salles. Ilha Caviana: sobre as suas paisagens, tempos e transformações. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 6, n. 2, p. 283-313, 2014.

MADEIRA, Nuno Rodrigo et al. **Manual de produção de hortaliças tradicionais**. 2013.

MADEIRA, N. R.; KINUPP, V. F. Experiências com as plantas alimentícias não convencionais no Brasil. **Informe Agropecuário, Belo Horizonte**, v. 37, n. 295, p. 7-11, 2016.

- MAFRA, José Ricardo; FANTINATO, Maria Cecília. Artesãs de Aritaperá/PA: técnicas e processos em uma perspectiva Etnomatemática. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática Perspectivas Socioculturales de la Educación Matemática**, v. 9, n. 2, p. 180-201, 2016.
- MAIZZA, Fabiana. 2014. “Sobre as crianças-plantas: o cuidar e o seduzir no parentesco Jarawara”. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 20(3):491-518.
- MEGGERS, Betty Jane (Ed.). New interpretations of aboriginal American culture history. **Anthropological Society of Washington**, 1955.
- MEGGERS, Betty J. O paraíso ilusório revisitado. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 8, p. 33-55, 1998.
- MENEZES, Tarsila dos Reis. “O passado, o presente e o futuro nas plantas Puruborá (Rondônia)”. **repositorio.ufscar.br**, 2016.
- MORAIS, L. B.; GUEDES, E. B.; CARDOSO, C. F. Feiras livres: espacialidade e temporalidade da reprodução camponesa. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 8., SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 9., Anais [...]. Curitiba: UFPR, 2017, p. 1-1
- NEVES, Eduardo Góes. O velho e o novo na arqueologia amazônica. **Revista Usp**, n. 44, p. 86-111, 1999.
- NEVES, Eduardo Góes. O rio Amazonas: fonte de diversidade. **Revista del Museo de La Plata**, v. 4, 2019.
- PAGNOSSI, Nádia Carrasco. A arqueologia de gênero e suas aproximações com a história. **repositorio.ufu.br**, 2013.
- PAULA FILHO, Galdino Xavier de. Plantas alimentícias não convencionais da Reserva Extrativista Rio Cajari, Amapá: levantamento etnobotânico, composição química e propagação. 2018.
- PEREIRA, Marcelo Souza; WITKOSKI, Antônio Carlos. Construção de paisagem, espaço e lugar na várzea do rio Solimões-Amazonas. **Novos Cadernos NAEA**, v. 15, n. 1, 2012.
- PRISCILA CASTRO FEAT ADRIA GOES. Mulheres que benzem. Santarém: 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/5olOta5FPrUdw9qAxq0nR7?autoplay=true>.

Acesso em 08 maio. 2023.

RANIERI, G. R; ZANIRATO, S. H. Comidas da horta e do mato: plantas alimentícias em quintais urbanos no Vale do Paraíba. **Estudos Avançados**, v. 35, p. 269-286, 2021.

SANCHEZ, Karina Lilith Moreira. A união das crenças faz a cura: um breve diálogo entre Levis Strauss com o cotidiano da saúde na comunidade Santa Luzia da ilha do Baixo. **Manaus: Universidade Federal do Amazonas**, 2013.

SHOCK, Myrtle Pearl; MORAES, Claide de Paula. A floresta é o domus: a importância das evidências arqueobotânicas e arqueológicas das ocupações humanas amazônicas na transição Pleistoceno/Holoceno. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 14, p. 263-289, 2019.

SILVA, Christian Nunes da; SIMONIAN, Ligia Terezinha Lopes. A questão de gênero: um breve estudo no estuário Amazônico. **Papers do NAEA (UFPA)**, v. 1, p. 1-17, 2006.

SILVA & JEROME. A floresta e as águas a partir das mediações entre humanos e não-humanos numa poética da imagem em culturas autóctones no Brasil e Québec. 2019.

SILVA, T. L. S. et al. Conhecimentos sobre plantas medicinais de comunidades tradicionais em Viseu/Pa: Valorização e Conservação. *Revista Brasileira De Agroecologia*, 14(3), 12. <https://doi.org/10.33240/rba.v14i3.22522>, (2019).

SIMONIAN, Ligia Terezinha Lopes. Mulheres, gênero e desenvolvimento na Amazônia brasileira: resistências, contradições e avanços. **Mulheres da floresta amazônica: entre o trabalho ea cultura**, p. 33-62, 2001.

SOUSA, Ádria Fabíola Pinheiro; SILVA, Josué da Costa. Práticas de Cura pelas Mãos de Dona Lenil, Sabedora da Comunidade Enseada do Aritapera, Várzea de Santarém, Pará. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 1, p. 120137, 2018.

SOUSA, G.S. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1938.

STOPPELLI, I. M. D. B. S; MAGALHÃES, C. P. Saúde e segurança alimentar: a questão dos agrotóxicos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 91-100, 2005.

SOUSA, Ádria Fabíola Pinheiro; SILVA, Josué da Costa. Práticas de Cura pelas Mãos de Dona Lenil, Sabedora da Comunidade Enseada do Aritapera, Várzea de Santarém, Pará. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 1, p. 120137, 2018.

PAULA FILHO, Galdino Xavier de. Plantas alimentícias não convencionais da Reserva Extrativista Rio Cajari, Amapá: levantamento etnobotânico, composição química e propagação. locus.ufv.br, 2018.

PINEDO-VASQUEZ, Miguel. Urbano e rural: famílias multi-instaladas, mobilidade e manejo dos recursos de várzea na Amazônia. *Novos Cadernos NAEA*, v. 11, n. 2, 2008

PORRO, Antonio. **O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica**. EdUSP, 1996.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII)**. Valer Editora, 2009.

VALE, Barbara; BORARY Marcelo. **Faces do Mercado 2000**. 2022

VIAGENS E ROTAS, 2019. Disponível em: <
<http://www.viagenserotas.com.br/2019/10/visita-ao-mercado-2000-em-santarem-no-para/>>.
Texeira, 2019.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: Estudo dos homens nos trópicos**. São Paulo: Nacional, 1997.

WALLACE, Alfred Russel, 1823-1913. Viagens pelo Amazonas e Rio Negro/ Alfred Russel Wallace; notas de Basílio de Magalhães. – Brasília; **Senado Federal, Conselho Editorial**, 2004. 630 p. – (Edições do Senado Federal; v.17)

WEINSTEIN, Barbara. Pará" versus" Amazonas. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 15, n. 2, p. 221-239, 1985.